



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPOS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MYLLA CHRISTTIE MONTENEGRO BEZERRA

**A CONSTRUÇÃO DE COZETE BARBOSA ENQUANTO FIGURA PÚBLICA PELA
IMPrensa NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE (1980-2000)**

CAMPINA GRANDE - PB

2019

MYLLA CHRISTTIE MONTENEGRO BEZERRA

**A CONSTRUÇÃO DE COZETE BARBOSA ENQUANTO FIGURA PÚBLICA PELA
IMPrensa NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE (1980-2000)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em história.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientadora: Prof. Dra. Hilmária Xavier Silva

Campina Grande - PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574c Bezerra, Mylla Christtie Montenegro.

A construção de Cozete Barbosa enquanto figura pública pela imprensa na cidade de Campina Grande (1980-2000) [manuscrito] / Mylla Christtie Montenegro Bezerra. - 2019.

70 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Hilmaria Xavier Silva, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Política paraibana. 2. Mulher na política. 3. Campina Grande - PB. I. Título

21. ed. CDD 981.33

MYLLA CHRISTTIE MONTENEGRO BEZERRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: A CONSTRUÇÃO DE COZETE
BARBOSA ENQUANTO FIGURA PÚBLICA PELA IMPRENSA NA CIDADE
DE CAMPINA GRANDE (1980-2000)

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Licenciatura plena em
História pela Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em
história.

Área de concentração: Ciências
Humanas

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Hilmaria Xavier Silva.

Prof. Dra. Hilmaria Xavier Silva (orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Maria do Socorro Cipriano

Prof. Dra. Maria do Socorro Cipriano

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

José dos Santos Costa Junior

Prof. Drando. José dos Santos Costa Junior

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa às pessoas que me acompanharam nessa jornada, entre risos e choros, entre altos e baixos, principalmente à minha mãe, mulher guerreira, que me acompanhou e fez de tudo para que eu estivesse aqui, a meu irmão e aos meus amigos, em especial, a Amanda Farias, Luciana e Hilber José, que me fizeram crescer não só como profissional, mas como pessoa.

AGRADECIMENTOS

Só existem dois dias no ano que nada pode ser feito. Um se chama ontem e o outro se chama amanhã, portanto hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver.

Dalai Lama

O tempo é nosso maior senhor e somos todos aprendizes dele, ele cura o que jamais achamos que iria ser curado, cicatriza nossas mais profundas mágoas, nos traz alegrias imensuráveis e tristezas jamais imagináveis. São três anos e meio dentro do Curso de História, três anos e meio de muitas histórias e aprendizagens, não só no quesito profissional, mas também pessoal.

Sorri, chorei, vivi, aprendi, cresci. O tempo passou tão depressa, que quase não o vi passar e dele ficaram apenas as lembranças dos que passaram pela minha jornada nesse curso, Hilber, Sabrina, Carlos, Luciana, Amanda, Sâmya, Beatriz, Josi, Rafael, Ednaldo e muitos outros que fizeram parte da minha jornada. Cada um deixou um pedacinho de si para mim e espero que tenham levado um pedaço de mim consigo.

Mas a minha jornada não teria começado sem a força e a garra da pessoa que mais amo, a minha mãe, Roberta Montenegro, mulher guerreira e determinada, que me ensinou a ser quem sou, me ensinou a lutar pelo que quero e a nunca desistir dos meus sonhos. Somos que nem gato e rato, mas com a mesma intensidade das nossas brigas é o nosso amor. Lutou que nem uma leoa para me criar, educar... Não tenho palavras para dizer o quanto sou grata por tudo o que já fez e continua a fazer por mim. A não ser dizer a única coisa que alegrará ela: TE AMO e OBRIGADA por tudo.

Com carinho, também dedico esse estudo ao meu irmão, Gabriell Montenegro. Vivemos entre tapas e beijos, mas também TE AMO.

Ao longo dessa jornada também passaram pessoas especiais que me ensinaram muito, como Auricélia Lopes Pereira, coordenadora do antigo PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – que me deu a oportunidade de ser uma das suas aprendizes

nesse programa maravilhoso e onde eu comecei a me desenvolver como profissional. Thiago Raposo, meu antigo supervisor, no mesmo programa.

Também a Patrícia Cristina de Aragão, que me deu a oportunidade de participar da Residência Pedagógica e que é uma pessoa maravilhosa, assim como Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho, minha preceptora nesse programa.

Com carinho agradeço a todos os meus professores, no decorrer desses anos, Roberto Muniz, Maria do Socorro Cipriano, Emerson Tavares de Macedo, Aline Praxedes, Jomário Pereira. Em especial, Roberto Muniz, quem me deu várias dicas de como prosseguir com a minha pesquisa, inclusive me emprestando livros seus, obrigada pela atenção e dicas.

Como também a meus colegas de sala, Rafael, Luciana, Paulo, Sâmya, Amanda.

Em especial a Hilber José, amigo que tive a oportunidade de conhecer logo no primeiro período e que entre tapas e beijos, brigas e afastamentos, me ensinou muito, me ajudou muito na minha jornada, lembro com carinho dos bons momentos, das conversas e das risadas. Histórias para lembrarmos futuramente é o que não irá nós faltar.

Sabrina também esteve comigo no início dessa caminhada e me ajudou muito, principalmente dentro do PIBID, me ensinou muito quando eu era só um “diamante” bruto. E, infelizmente o destino fez com que nós afastássemos.

Beatriz, companheira de PIBID e residência, choramos e compartilhamos nossas angústias e tristezas e o sempre: “não vai dá tempo, mas vai ter dá”.

Amanda, “doidinha de pedra”, espero ter podido ajudar no seu caminho como futura historiadora.

Luciana, que compartilhou comigo tantas coisas da sua vida, assim como eu compartilhei com ela.

Carlos, meu mais lindo amigo, que em todo momento esteve do meu lado, ora aguentando minhas manhas e birras, ora aguentando meus chororôs.

Também a Lana Tayane e Jessica Kaline, a primeira não é só minha amiga, mas também minha irmã, companheira, parceira para tudo, desde pequenas que acompanhamos a jornada uma da outra e mesmo quase nunca concordando com nada, ela sempre está ao meu lado. A segunda é uma flor, uma amiga incrível que me acompanhou durante toda a minha jornada acadêmica, inclusive me dando as apostilas dela. O nosso desespero nessa reta final

foi grande, quantos papos de: não vai dá tempo!; não vai ficar bom, mas vai ter que ficar; apresento esse TCC do jeito que ele estiver. Obrigada as duas por me aguentarem esses anos todos e me escutarem.

Obrigado a todos por participarem da minha caminhada e por me darem apoio pra prosseguir, assim como os conselhos de vocês. Guardarei todos no meu coração.

Também quero agradecer a Maria Dapaz Pereira do Patrocínio pela última correção feita no meu TCC e também pelo apoio, incentivo e ajuda. E Maria Avany Bezerra Gusmão (minha tia) por ter me ajudado com o resumo e abstract. Obrigada pelo carinho e pela ajuda.

A minha orientadora Hilmaria Xavier, por todo apoio, por me ajudar a definir meu objeto de pesquisar, por todas as vezes que teve que me responder. Sem a senhora, não teria concluído a minha monografia. Às vezes, palavras não descrevem o nosso sentimento de gratidão e nem sempre precisam ser escritas para que saibamos o quanto a pessoa foi importante.

RESUMO

O trabalho analisou a trajetória pública e política da única mulher a assumir a prefeitura da cidade de Campina Grande, PB, Cozete Barbosa. Ela foi vereadora entre 1996 e 2000 e prefeita entre 2002 e 2004, atuando na política paraibana entre o início da década de 80 até início dos anos 2000. O trabalho foi realizado a partir de recortes de leituras de matérias arquivadas pelo SINTAB e por depoimento da própria Cozete, além de material publicado em jornais locais e regionais como A União, Correio da Paraíba, Diário da Borborema, Jornal da Paraíba, O Momento, O Norte, A Folha e Correio. Também foram realizadas entrevistas com personalidades do convívio com a ex-prefeita, incluindo Roberta Montenegro e Socorro Ramalho. A partir da visão das escritoras Michelle Perrot, Céli Regina Jardim Pinto e Simone de Beauvoir, se traçou o perfil da trajetória política de Cozete Barbosa nos anos em que esta esteve na política paraibana, destacando-se como uma das mulheres públicas de mais renome neste espaço no tempo em que participou dele, principalmente por causa das paralisações e greves que comandou quando foi presidenta da ASPMCG. A ex-prefeita lutou durante anos contra a oligarquia dos Cunha Lima, mas acabou se aliando a eles em 2000 para concorrerem a Prefeitura Municipal de Campina Grande. Viu-se assim como foram esses anos para esta mulher que ainda vivia num meio machista e arcaico, onde poucas mulheres tinham ousado participar. Analisou-se como foi seu ingresso na antiga ASPMCG, que depois passou a ser o SINTAB, sua imagem enquanto figura pública e seu ingresso na política campinense. Buscou-se compreender como uma mulher conseguiu desafiar homens da política e ter renome na vida pública de Campina Grande, uma cidade do interior da Paraíba e ainda machista para as mulheres. Percebeu-se, ao longo da análise do material que, ser mulher já é difícil, ser uma mulher pública que toma decisões e que gere sua vida, como foi a vida de Cozete naquele tempo, acaba sendo mais difícil, especialmente quando se vive num meio onde as mulheres ainda são vistas como seres que devem se preservar, se comportar e fazer o que a sociedade determina.

Palavras-chave: política paraibana; mulher na política; Campinha Grande.

ABSTRACT

The work analyzed the public and political trajectory of the only woman to take over the city hall of Campina Grande, PB, Cozete Barbosa. She was a councilwoman from 1996 to 2000 and mayor from 2002 to 2004, working in Paraíba politics from the early 1980s until the early 2000s. The work was based on clippings of material read by SINTAB and by Cozete's own testimony, as well as material published in local and regional newspapers such as A União, Correio da Paraíba, Diário da Borborema, Jornal da Paraíba, O Momento, O Norte, A Folha e Correio. Interviews with personalities of the former mayor were also conducted, including Roberta Montenegro and Socorro Ramalho. From the view of the writers Michelle Perrot, Céli Regina Jardim Pinto and Simone de Beauvoir, the profile of the political trajectory of Cozete Barbosa was traced in the years in which she was in Paraíba politics, standing out as one of the most renowned public women in this space in the time she participated in it, mainly because of the stoppages and strikes she commanded when she was presidente of ASPMCG. The former mayor fought for years against the Cunha Lima oligarchy, but eventually teamed up with them in 2000 to run for the Mayor of Campina Grande. As it turned out, these were the years for this woman who still lived in a male chauvinistic, archaic environment where few women had dared to participate. It was analyzed how was his entry in the former ASPMCG, which later became SINTAB, his image as a public figure and his entry into politics in the state. We sought to understand how a woman was able to defy men of politics and to have a reputation in the public life of Campina Grande, a city in the interior of Paraíba and still male chauvinistic for women. It was noticed throughout the analysis of the material that being a woman is already difficult, being a public woman who makes decisions and manages her life, as was the life of Cozete at that time, it ends up being more difficult, especially when living in an environment where women are still seen as beings who must preserve, behave and do what society determines.

Key words: Paraiban politics, woman in politics, Campinha Grande.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diretoria da ASPMCG, 1984.....	28
Figura 2 – Prefeitura afasta Cozete.....	28
Figura 3 – Cozete e funcionários do Matadouro.....	31
Figura 4 – Cozete é candidata a prefeita.....	32
Figura 5 – Tabela do salário mínimo.....	35
Figura 6 – Cozete como Seu Peru 1.....	38
Figura 7 – Cozete como Seu Peru 2.....	38
Figura 8 – Cristo da Educação.....	39
Figura 9 – Cozete I X Cozete II.....	42
Figura 10 – Cássio se reúne com a executiva petista.....	43
Figura 11 – Vital Filho tentará aliança com PT de Campina Grande.....	43
Figura 12 – PT x PDT.....	44
Figura 13 – Mudança no quadro.....	48
Figura 14 – Cozete, mulher, Prefeita.....	53
Figura 15 – Suspeita de bomba.....	55
Figura 16 – Roberto Paulino e Cozete Barbosa.....	59
Figura 17 – Servidores terão abono.....	61
Figura 18 – Prefeita isenta os aposentados de desconto do Ipsen.....	62
Figura 19 – Quadro de votação das eleições de 2004.....	63

LISTA DE SIGLAS

ASPMCG – Associação dos Servidores Públicos Municipais de Campina Grande;

PDT – Partido Democrático Trabalhista;

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro;

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira;

PT – Partido dos Trabalhadores;

SINTAB – Sindicato dos Trabalhadores Municipais do Agreste da Borborema;

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES ENTRE O PRIVADO E O PÚBLICO	18
1.1 Onde encontrar as mulheres	19
1.2 Mulheres na política	21
CAPÍTULO 2 – NASCE UMA MULHER PARA A POLÍTICA CAMPINENSE: SEUS PRIMEIROS ANOS ENQUANTO FIGURA PÚBLICA.....	24
2.1 Primeiros momentos da vida pública de Cozete Barbosa (1984-1986)	25
2.2 – Cozete e uma possível candidatura: 1987	31
2.3 – 1988: E os embates políticos	32
2.4 – Primeiros embates entre Cozete Barbosa e Cássio Cunha Lima	34
2.5 – O lugar de fala de Cozete Barbosa	39
2.6 – O começo do fim	40
CAPÍTULO 3 – COZETE BARBOSA ASSUME A PREFEITURA DE CAMPINA GRANDE	51
3.1 – Críticas à imagem de Cozete Barbosa	54
3.2 – Relacionamento Prefeitura Municipal X Governo do Estado.....	57
3.3 - Primeiros dias da gestão de Cozete Barbosa	59
3.4 – Convergências e divergências do seu mandato com o sindicalismo.....	59
3.5 – O fim do seu mandato	62
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS:.....	66
FONTES:.....	66
BIBLIOGRAFIA:.....	66
Sites utilizados:.....	67
ANEXOS	69
ANEXO 1	69

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos¹, as mulheres foram excluídas da história e, principalmente da vida pública e da política – pois esta era destinada aos homens -, votar e serem votadas era uma “aberração”, as mulheres não tinham esse direito porque não podiam possuir o poder sobre o destino de suas próprias vidas, porque elas tinham que ser “comandadas”, “geridas”, “administradas”, como se não tivessem capacidade de tomarem suas próprias decisões. Como fala Michelle Perrot: “A ideia de que a natureza das mulheres as destine ao silêncio e a obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas. Restritas ao espaço do privado, no melhor dos casos ao espaço dos salões mundanos, as mulheres permanecem durante muito tempo excluídas da palavra pública.”²(1998, p.59). E durante anos, séculos, viveram subjugadas, às margens da história dos seus homens. Só recentemente conseguiram o direito de votarem e serem votadas.

No Brasil, elas conquistaram o direito de voto em 1932, mas ainda assim, se mantiveram a margem da política. Céli Regina Jardim Pinto, em seu artigo: *Elas não ficaram em casa – as primeiras mulheres deputadas na década de 1950 no Brasil*, analisa “a trajetória de vida de 12 mulheres pioneiras na política brasileira”³ e pode-se perceber pelo seu escrito que a grande maioria das mulheres que participaram da política nesse momento, eram

¹ Quando se fala em muitos anos, busca-se fala do contexto histórico no geral, principalmente da história do Ocidente, onde as mulheres foram negadas na sua história, colocadas como a-históricas, pois quem possuía história eram os homens que faziam grandes feitos para a humanidade. Elas ficavam em casa e se tornavam esposas e mães, sem possuírem destaque na sociedade em que viviam.

² Michellet Perrot em seu livro: **Mulheres públicas**, faz uma análise entre o público e o privado para as mulheres, como elas gradativamente foram tomando o espaço público, a partir dos salões de festas até ingressarem no mundo do trabalho. As mulheres de classes mais baixas foram as que primeiro adentraram no mercado de trabalho, como lavadeiras ou empregas domésticas, mais na frente foram para as fábricas, principalmente de tecidos. Vale ressaltar que Perrot escreve a partir do seu lugar social, que é a França, mas que muito do que ela fala pode ser analisado também no Brasil, principalmente do ingresso das mulheres na vida pública. PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Tradução: Roberto Leal Ferreira – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

³ Neste artigo a autora Céli Regina Jardim Pinto analisa a história de vida de 12 (doze) mulheres que chegaram a ser deputadas no Brasil, 10 (dez) estaduais e 2 (duas) federais. São elas: Almerinda M. Arantes; Berenice T. Artiaga; Ivete Vargas Maritns; Judith Leão Castello; Leolina Barbosa de Souza Costa; Lindalva T. Fernandes; Maria Conceição Santamaria; Maria Elisa Viegas de Medeiros; Núbia Nabuco Macedo; Rosa C. Rebelo Pereira; Suely de Oliveira e; Tereza Delta. Fora as já citadas, a autora também diz que encontrou registros eleitorais sobre outras duas mulheres: Maria de Andrade Leal e Aracy de Farias Ponce de Leon, mas que sobre elas não se encontrou qualquer dado ou informação oficial, nem na internet. Neste texto também é possível perceber a falta ou a quase inexistência de dados sobre as mulheres estudadas pela autora, não por falta de pesquisa, mas porque a autora não conseguiu encontrar dados substanciais, como se os registros da passagem das mesmas tivessem sido apagados ou esquecidos ou colocados de lado. O que não se verifica quando se é um homem na política, pois a história dele(s) tem que ser preservada para a posterioridade, como uma homenagem ou uma honra para a família. PINTO, Céli Regina Jardim. **Elas não ficaram em casa**: as primeiras mulheres deputadas da década de 1950 no Brasil. *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 33, n. 62, p.459-490, mai/ago 2017.

mulheres que entravam através dos seus pais ou maridos, representando a estes, apoiadas neles.

O discurso que as mulheres utilizavam para entrarem na política, nos primeiros anos que começaram a ingressar no poder público, em sua grande maioria, além de estarem apoiadas por algum homem – pai ou marido – também estava apoiado na igreja e na família⁴, enaltecendo o empenho que tinham nessas duas correntes. E era o discurso que a sociedade almejava, desejava e apoiava. A mulher poderia até entrar para a política, mas antes ela tinha que ser mãe zelosa, esposa dedicada e seguidora dos mandamentos de Jesus Cristo, sobretudo estar vinculada a Igreja Católica. Em outro artigo de Céli Regina Jardim Pinto, intitulado: *Feminismo, história e poder*, ela traz:

Uma das questões mais centrais quando o tema é a presença da mulher na arena pública de decisões, em geral, ou na política, em particular, é a seguinte: que mulheres queremos nos cenários políticos? Todas as mulheres, independente de classe, posição política, comprometimento com as questões de reconhecimento das minorias sem poder? Ou estamos lutando para elegermos nos parlamentos e nas posições-chave de poder, mulheres feministas que defendam as grandes causas do movimento? (PINTO, 2010, p. 18).

E a própria Céli Jardim Pinto responde:

A militância feminista, assim [como] a militância de outros movimentos sociais [...], tende a responder afirmativamente à segunda parte da questão e serem muito evasivos sobre a primeira, com o argumento de que mulheres que não se reconhecem como sujeitos políticos não lutam pelas causas das mulheres em geral. (PINTO, 2010, p. 18).

Mesmo assim, Céli Regina Jardim Pinto, fala que é um grande avanço na sociedade quando mulheres, mesmo que não ligadas diretamente às causas feministas, conseguem se eleger:

[...] esta presença não garante que as mulheres tenham se eleito com plataformas feministas ou que sejam feministas. Mesmo assim é muito mais provável que as demandas por direitos das mulheres sejam defendidas por mulheres do que por homens, independentemente da posição política, ideológica e mesmo da inserção no movimento feminista. (PINTO, 2010, p. 18).

⁴ Quando se fala em família aqui, busca-se fazer referencia a família nuclear, onde a mulher é tida como mãe zelosa e esposa dedicada, onde sua vida é se dedicar exclusivamente a família, aos filhos e ao marido. Pois, o Brasil que encontramos após a “permissão”, que na realidade é um direito de todo ser humano, de que as mulheres poderiam votar, ainda tinha a visão de que a mulher antes de exercer qualquer outro papel, tinha que ser uma mulher sobretudo dedicada a família e ao cuidado desta.

Vemos assim, que o simples fato de conseguirmos eleger uma mulher, de ela estar em um lugar que tradicionalmente não é o seu lugar, já é um avanço e um ganho para as mulheres. Claro que quando essas mulheres estão ligadas ao movimento feminista ou que lutam, mesmo sem estarem ligadas a esse movimento, pelas causas das mulheres já é um ganho bem maior.

Contudo, construir a trajetória das mulheres públicas e/ou políticas ainda é tarefa árdua, já que a história das mulheres por tanto tempo foi negada, esquecida ou omitida por quem escrevia a história – que eram os homens. Encontrar vestígios das mulheres do antepassado ainda é difícil, poucas conseguiram escrever seu nome na história oficial e quando feito, ainda são colocadas de lado pela sociedade, como se suas vidas não apresentassem algo de grande ou maravilhoso como os homens que viveram no mesmo tempo que elas⁵.

Ainda na atualidade a vida de uma mulher só faz sentido para a sociedade quando essa forma uma família, casa, tem filhos, vive a dita vida “tradicional”. A elas é permitido o trabalho, tem ar de dignidade, mas junto com o trabalho fora de casa, também se tem o trabalho dentro de casa, fazer a alimentação, cuidar dos filhos, fazer as atividades com eles. Michellet Perrot e Simone de Beauvoir analisam esses espaços que separam as mulheres entre o lar, que seria o privado e o público. Beauvoir analisa a mulher eleitora:

A mulher sustentada – esposa ou cortesã – não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto: se os costumes lhe impõem menos obrigações do que outrora, as licenças negativas não lhe modificaram profundamente a situação; ela continua confinada em sua condição de vassala. (BEAUVOIR, 2016, p.504)

Ou seja, precisa-se de mais do que o simples direito de votar e serem votadas, elas precisam ter autonomia para poderem realizar esses feitos. Beauvoir também diz: “[...] em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional; não recebe da sociedade, nem do marido, a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens”. (BEAUVOIR, 2016, p.504)

Entrar ou participar da vida pública ainda é muito difícil para a mulher, principalmente por causa dos obstáculos que vai ter que enfrentar, o julgamento que vai ter que encarar, além

⁵ É difícil encontrar fontes sobre as mulheres que tiveram destaque na sociedade em que viveram, muitas vezes seus vestígios foram destruídos, apagados ou esquecidos pelo tempo. Contudo, as fontes sobre Cozete Barbosa foram “relativamente” fáceis de achar, pois a própria Cozete guarda um acervo sobre sua trajetória, principalmente, sobre os anos em que foi vereadora e prefeita de Campina Grande, como também se encontrou arquivos sobre ela no SINTAB e no acervo Atila Almeida.

de ser um “mundo” ainda masculino, ainda tido para homens. Um mundo ao qual se julga que as mulheres não estão prontas para participar. Contudo, tem aquelas que se arriscam e enfrentam a sociedade do seu tempo, os julgamentos e os obstáculos.

Na Paraíba, as mulheres não “fugiram à regra” de como a sociedade desejava que elas fossem⁶, poucas “transbordaram” a visão de mulher que se procurava para entrar na política. Mas, algumas conseguiram fugir a regra do que se esperava de uma mulher: mesmo separada e sendo mãe solteira, surgiu no cenário político Cozete Barbosa, filha de comerciantes, ela mesma sendo funcionária pública, entrou para política a partir da sua militância sindical na Associação dos Servidores Públicos Municipais (ASPMCG) no início dos anos 80, batendo de frente a época contra a oligarquia e aristocracia local, que ainda era presente na sociedade campinense.

Cozete Barbosa Loureiro Garcia de Medeiros foi vereadora de Campina Grande, entre 1996 e 2000, quase se elegeu senadora em 1998 pelo estado da Paraíba, sendo uma das mais votadas, ficando em 3º lugar nas eleições e posteriormente se tornou vice-prefeita de Cássio Cunha Lima em 2000 e depois prefeita de Campina Grande em 2002, até hoje a única mulher a assumir o cargo na cidade. Contudo, com a sua saída da prefeitura e da vida pública, ficou uma grande lacuna na sua história de entender quem era Cozete Barbosa e como ela surgiu e ganhou notoriedade como figura pública e política.

Além de ser uma força feminina na política, Cozete é a representação de uma mulher forte e guerreira, que venceu obstáculos e conseguiu ter uma votação expressiva para o cargo de senadora, chamando atenção da representação política mais arcaica e conservadora, que via nela uma ameaça. Pois, além de mulher, era sindicalista e lutava pelos mais humildes, integrando um dos partidos mais “subversivos” da época, o PT (Partido dos Trabalhadores). Houve muitas críticas quando se aliou a Cássio Cunha Lima, se ela não estava deixando seus ideais de lado por causa do poder. O simples fato de buscar se proteger, andando acompanhada de seguranças desagradou parte da população campinense. A sua imagem é construída e destruída por jornalistas.

⁶ No livro: *Mulher e política na Paraíba – histórias de vida e luta*, de Glória Rabay e Maria Eulina Pessoa de Carvalho, encontrou-se o relato de 15 (quinze) mulheres que participaram da vida política na Paraíba, são elas: Aracilba Rocha, Cozete Barbosa, Dona Dida, Edina Wanderlei, Estefânia Maroja, Francisca Motta, Gianina Farias, Iraê Lucena, Lúcia Braga, Lucinha Monteiro, Nadja Palitot, Narriman Xavier, Olenka Maranhão, Socorro Marques e Zarinha. Cada qual com sua própria história, algumas entraram na política por causa de algum familiar, pai ou marido, outras porque não concordavam com alguma coisa e acabaram adquirindo renome e destaque no seu tempo.

Busca-se nesse trabalho analisar a trajetória de Cozete Barbosa como também os discursos e a visão que foi construída dela pela imprensa e pelo imaginário das pessoas, para compreender quem era ou foi Cozete naquele momento, início dos anos 80 até início dos anos 2000 para a população campinense. Entender como lhe viam e o que ela representava para a população, a oligarquia política lhe tinha como uma ameaça e os mais humildes lhe viam como alguém que poderia ajudá-los. Traçou-se então os seus passos como sindicalista na ASPMCG e no SINTAB, sua chegada à Câmara Municipal até se tornar prefeita de Campina Grande em 05 de abril de 2002 e como foram seus primeiros dias como prefeita.

Os arquivos que foram aqui utilizados foram cedidos pela própria Cozete e pelo SINTAB (Sindicato dos Trabalhadores Municipais do Agreste da Borborema), são artigos de jornais recortados e colocados em folhas de ofício com um carimbo ou escrito à mão em cima do recorte dizendo em qual jornal foi publicado a matéria e a data de publicação, também se buscou informações no acervo de obras raras Átila Almeida, em jornais de 1990, 1994 e 1996, ao todo são mais de mil artigos de jornais do tempo em que Cozete foi sindicalista, vereadora e prefeita de Campina Grande, além de entrevistas feitas com Cozete Barbosa Loureiro Garcia de Medeiros, Roberta Xavier Montenegro Bezerra, que trabalhou na gestão de Cozete enquanto ela foi prefeita, sendo também militante a época do Partido dos Trabalhadores, também Maria do Socorro Ramalho, militante petista, que mais tarde se tornou chefe de gabinete de Cozete.

No primeiro capítulo “construção da história das mulheres entre o privado e o público”, buscou-se trazer um pouco da trajetória das mulheres entre o privado e o público, até sua entrada na política, como foi o processo que culminou que as mulheres pudessem ingressar no meio político, quais foram os obstáculos que tiveram que transpor para chegar a poderem votar e se elegerem.

O segundo capítulo “Nasce uma mulher para a política campinense: seus primeiros anos enquanto figura pública”, aborda a entrada de Cozete na ASPMCG e a construção da sua figura enquanto mulher pública, trazendo os discursos que eram expostos na mídia referente a ela, a visão que tinham dela enquanto mulher que batia de frente quando não gostava de alguma coisa.

O terceiro capítulo “Cozete Barbosa assume a prefeitura de Campina Grande”, traz os primeiros dias do seu governo enquanto prefeita, qual era o momento e o que ela teve que enfrentar quando assumiu o cargo, tendo que lidar com o governo estadual que não era aliado

da antiga gestão de Cássio Cunha Lima – prefeito de Campina Grande antes de Cozete assumir e aliado de Cozete. Neste capítulo, não é abordado toda a sua história enquanto prefeita de Campina Grande, apenas o primeiro mês após ela ter assumido a prefeitura e como ela encerrou seu mandato, nas eleições que ocorreram em 2004, tendo ela ficado em 3º lugar.

CAPÍTULO 1 – CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES ENTRE O PRIVADO E O PÚBLICO

“Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.” (PERROT, 2007, p. 21).

Michelle Perrot analisa bem o quanto é difícil escrever a história das mulheres, principalmente em anos longínquos, pois os vestígios sobre elas são escassos, porque, essencialmente quem escrevia a história eram os homens e quase sempre estes não falavam das mulheres. Perrot ainda diz: “A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o *relato* que se faz de tudo isso”. (2007, p. 16). A história está lá, ela aconteceu, mas tem que ter o relato, o escrito para que ela exista para a posterioridade e isso é o que falta para as mulheres, o escrito sobre elas quase não existem, ou porque nem foram escritos ou porque foram apagados, destruídos.

Contudo, há uma mudança nesse sentido nos últimos anos, principalmente depois da década de 80, com a Nova História Cultural, com o surgimento de uma escrita histórica que busca além de dados e fatos tidos como verdadeiros, almejando analisar e interpretar o que eles estão querendo dizer, o que tem por trás deles, qual a mentalidade, qual o sentido que se queria construir com esses vestígios e/ou documentos deixados pelos agentes do passado. A Nova História Cultural se faz: “de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa”. (PESAVENTO, 2012, p.5) Surgindo com essa nova escrita da história, a narração e a representação que se fez e se faz da mulher. Abrindo-se o leque de pesquisa e análise que a história poderia buscar para interpretar e entender os significados e as ações do passado. Nesse meio está a mulher, que por tanto tempo se viu apagada da escrita histórica.

Com o surgimento dessa nova corrente historiográfica e do feminismo e os acontecimentos de 1968⁷, as mulheres começaram a questionar onde se encontravam na

⁷ Em 1968 várias revoltas e reivindicações se espalharam pelo mundo, como na França em que os estudantes universitários reivindicavam dormitórios mistos; nos Estados Unidos, surgia o movimento hippie, as minissaias e as represálias contra a guerra do Vietnã; na antiga União Soviética surgia um novo movimento que lutava

cultura, na arte, no saber, na história e foram em busca de construir a sua própria representação. Foram em busca dos vestígios do passado para construir e modificarem o presente. Pois ,como diz José de Assunção Barros⁸, toda história é presente. Escreve-se sobre o passado a partir do presente.

1.1 Onde encontrar as mulheres

Analisar as mulheres na política de 20, 30 anos atrás se torna relativamente fácil para a atualidade, porque as fontes como jornais, revistas, entrevistas, ainda existem, ainda são fáceis de encontrar, mesmo que para isso tenha que se fazer uma análise bem cuidadosa, principalmente de quem escreveu, em que época escreveu, em que contexto escreveu, pois como Foucault (2014, p. 7-8) fala, o discurso é criado e inventado por alguém que quer dizer algo. Porém, o mesmo não podemos dizer da história das mulheres de 100, 200, ou 500 anos atrás, pois a sua história ficou oculta, escondida dentro do lar, atrás de diários, muitas vezes destruídos, condenados ao esquecimento dos porões, esquecidos no tempo e desgastados.

Como então podemos escrever a história das mulheres desse passado tão longínquo, pergunta essa de alguém que busca entender sua própria história, a história de como as mulheres chegaram até aqui, como construíram seus direitos civis, sociais e políticos. Escrever, contar essa história ainda é muito difícil, mas podemos começar pela casa, pelo lar dessas mulheres: “Restritas ao espaço do privado, no melhor dos casos ao espaço dos salões mundanos, as mulheres permanecem durante muito tempo excluídas da palavra pública” (PERROT, 1998, p.59).

A mulher durante muito tempo ficou reservada ao lar, sua função era cuidar da casa e dos filhos, sem grandes pretensões de crescimento além do que a ela era reservado como seu dever, dado pelo divino. Não tinham o poder de tomar decisões, de fazer o que quisessem, de gerir suas vidas. Sempre estavam por trás de algum homem, o mais comum era que fosse seu

pela abertura e independência política para os países que estavam sob o domínio soviético; no Brasil, movimentos contra a Ditadura Militar e represálias a esse movimento, ocasionando a morte do estudante Edson Luís, morto em um dos movimentos contra a ditadura. Foi um ano de muitas reivindicações no mundo todo, culminando com as discussões na mídia sobre o papel das mulheres na sociedade, que reivindicavam mais participação na política, inclusive, num gesto simbólico, de queima dos sutiãs, porém, impedidas pela polícia, enterraram num cemitério seus sutiãs, revistas femininas, cílios postiços e saltos altos. Colocando-se assim em pauta o machismo arraigado da sociedade.

⁸ A expansão da história. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Barros busca fazer uma “reconstrução” de como a história é escrita pelos diversos agentes e coloca que toda história parte do presente, ler capítulo 1 do livro.

pai ou marido, mas na falta desses, poderia ser o irmão homem ou o tio, que teriam por dever sustentar-lhes. Poucas conseguiam ser educadas, ter uma instrução escolar, aprender a ler e escrever.

No Brasil, esses direitos foram sendo adquiridos aos poucos, a partir do século XIX, quando o Brasil ainda era uma monarquia, contudo, apenas as mulheres mais abastadas é que conseguiam ter o direito de serem instruídas, geralmente, a sua educação estava voltada para aprenderem a serem mães melhores, esposas cultas, que não envergonhariam seus maridos⁹. Com o decorrer do século XX é que as coisas vão mudando, mas ainda a “passos lentos”. Só houve uma mudança substancial em relação às mulheres neste último século – principalmente por causa das duas Guerras Mundiais -, quando elas foram adquirindo alguns direitos, os mais expressivos foram: o direito de se divorciarem, cuidarem dos seus bens e poderem votar (mais na frente falarei a respeito desse último assunto).

Direitos estes adquiridos com esforço e luta, em grande maioria não foram lutas violentas, como diz Perrot: “Violentas, as manifestações das mulheres? Raramente. [...] Elas cantam, usam slogans irônicos – o esfregão está queimando -, faixas ameaçadoras, vassouras” (PERROT, 2007, p.156-157). Mas para a sociedade de seu tempo: “a simples presença de mulheres na rua, agindo em causa própria, é subversiva e sentida como uma violência”. (PERROT, 2007, p.157).

Vemos assim como eram suas lutas por direitos que lhes eram negados e que substancialmente só vieram a ser conquistados em sua grande maioria no século XX, principalmente por causa do advento das duas Grandes Guerras que ocorreram, fazendo com que essas mulheres fossem para o mercado de trabalho, já que seus homens estavam em campos de batalha. Quando estes voltaram, elas não quiseram perder o que tinham conquistado, passando a lutar pelo que achavam justo, principalmente, o direito de poder trabalhar fora de casa.

Porém, não se deve esquecer que as mulheres mais humildes há muito já trabalhavam para fora, quer fosse como faxineiras ou lavadeiras, elas complementavam a renda da casa, ajudando assim os seus maridos.

⁹ As primeiras escolas para as mulheres no Brasil estavam voltadas para lhe ensinarem o básico da leitura, para que aprendessem a costurar, bordar e em como elas deveriam se vestir e se comportar em público, assim não envergonhariam seus maridos com maus modos.

1.2 Mulheres na política

O acesso das mulheres ao poder político sempre e em toda parte foi difícil. A cidade grega, primeiro modelo da democracia, excluía-as radicalmente. No mundo contemporâneo, a parte das mulheres nas instâncias representativas está longe de ser igual em todos os países. Elas chegam com frequência ao poder executivo como substitutas, prosseguindo uma tradição familiar [...] ou em caso de crise, que ativa o mito da mulher salvadora. (PERROT, 1998, p. 118)

Michelle Perrot, em seu livro *Mulheres Públicas*, faz uma análise de como as mulheres eram vistas na sociedade, principalmente francesa, mais também na Europa como um todo a partir da Revolução Francesa e como elas foram adquirindo autonomia nessa sociedade até se destacarem na política. Em várias de suas falas, mesmo falando de um tempo tão distante – aproximadamente entre 100 e 150 anos -, podemos perceber a presença de suas palavras na atualidade, principalmente, na atualidade brasileira, onde não se vê mulheres trabalhando na política e ocupando cargos executivos, na Paraíba, então, é quase que impossível, poucas ascendem ao cargo.

Há uma longa jornada para que as mulheres consigam o direito de votar, o primeiro país que deu esse direito foi a Nova Zelândia, em 1893¹⁰, em seguida veio a Austrália, em 1902; Finlândia, em 1906; Noruega, 1913; União Soviética, em 1917; Alemanha, em 1918; Estados Unidos, em 1920; Uruguai, em 1927; na França, as mulheres só vieram a conseguir o direito de votar a partir de 1944 e na Suíça, só em 1971. No Brasil, as mulheres só conseguiram o direito de voto a partir de 1932, por meio do Decreto nº 21.076, no governo de Getúlio Vargas, contudo não eram obrigadas a votar e também só era permitido apenas as mulheres casadas, que tivessem autorização do marido, ou viúvas e solteiras que possuíssem renda própria. O voto só passou a ser obrigatório e estendido a todas as mulheres em 1946, quando da nova constituição.

Antes que tivesse havido o Decreto nº 21.076 de 1932, no Rio Grande do Norte, Celina Guimarães Viana já tinha reivindicado seu direito de votar em 1927, com base na lei de seu estado que não instituía que só homens pudessem votar, por causa dessa lacuna, ela pleiteou o seu direito de voto, nesse mesmo estado foi eleita a primeira mulher, sendo a primeira eleita da América do Sul, Luiza Alzira Soriano Teixeira, foi eleita prefeita de Lajes, em 1929.

¹⁰ Quanto a este fato há controvérsias, a historiadora Michelle Perrot, em seu livro: **Minha história das mulheres** (2007), afirma que o primeiro país a dar o direito de voto as mulheres foi a Finlândia, em 1901, contudo em dois sites pesquisados na internet – Politize e G1 -, apontam a Nova Zelândia como o primeiro país a dar o direito do voto feminino em 1893.

Contudo, não foram só as leis brasileiras que tiveram que ser modificadas, mas também a sociedade, a mentalidade que a sociedade tinha da mulher, como dona de casa, mãe e esposa para olhar para as mulheres com uma outra visão, olhar para ela como uma pessoa que pode e deve tomar decisões, não só sobre si, mas também sobre como se pode melhorar a sociedade.

Michelle Perrot diz: “Tão logo uma mulher toma a palavra, todos se preparam para se aproveitar de suas dificuldades. Sua voz, seus gestos, seu *look*, todo seu corpo é objeto de um exame em que predominam o irônico e o vulgar” (PERROT, 1998, p.129). E então podemos ver o mundo assustador que está a frente de uma mulher que tenta se aventurar na política, que tenta ter vez e voz. Muitas vezes elas se tornam motivo de “chacota” pela sociedade, não raro é o caso de mulheres brasileiras que tentaram o mundo da política, como Bertha Lutz ou Dilma Rousseff, a primeira lutou pelo direito ao voto das mulheres, criando a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922), no início do século XX, a segunda chegou a ser Presidenta da República, entre 2011 e 2016, tendo esta sofrido um *impeachment* – não entraremos no método de analisar o *impeachment*, os porquês e suas causas, porém as duras críticas e “chacotas” sexuais que sofreu foram descomedidas e grotescas.

Voltemos à imagem de como as mulheres são vistas na cultura ocidental, continuando com Perrot (2007, p.49-50), em outro livro seu, ela diz: “A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências. E isso se acentua mais porque, na cultura judaico-cristã, ela é constrangida ao silêncio em público.”. Quantas mulheres foram silenciadas, caladas, constrangidas pela sociedade em que vivemos? Quantas sofreram abusos? Se não sexuais, mas verbais e psicológicos? Quantas se calaram? Tentaram se colocar como exemplos de mulheres femininas, para se adequarem a sociedade e assim poderem viver nela?

Cozete Barbosa foi exemplo de uma das poucas mulheres que não aceitou o que a sociedade lhe exigia enquanto mulher, enfrentou o seu tempo, o preconceito, como ela mesma vai falar em entrevista sobre os “percalços” que teve que enfrentar por ser uma mulher pública.

Nesse contexto, surge este trabalho, que busca analisar um pouco da trajetória de Cozete Barbosa Loureiro Garcia de Medeiros, a primeira mulher a assumir a Prefeitura Municipal de Campina Grande - PB. Este trabalho busca tentar analisar a imagem de Cozete que foi sendo criada ao longo dos anos em que ela esteve em evidência como sindicalista e política paraibana. Qual foi a imagem que se fez dela para a população campinense em fins da

década de 80, quando ela se candidata pela primeira vez à vereadora, até se tornar prefeita, deixando a política em 2004, quando perdeu a eleição para um segundo mandato como prefeita. Nesse sentimento analisaremos sua trajetória no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 – NASCE UMA MULHER PARA A POLÍTICA CAMPINENSE: SEUS PRIMEIROS ANOS ENQUANTO FIGURA PÚBLICA

Entre Cozetti, Cosete e Cozete¹¹, todos nomes que designavam uma única pessoa, no caso uma única MULHER, que marcou e fez história em Campina Grande e região. Nasceu na Paraíba, mais especificamente em Campina Grande, no dia 25 de fevereiro de 1956, uma mulher que mais tarde se tornaria figura pública, lutadora que bateu de frente¹² com os comandantes políticos dessa cidade quando decidiu se associar a Associação dos Servidores Públicos Municipais (ASPMCG) e sem pretensões – como ela mesma ressalta -, tornou-se uma das representantes mais ferrenhas contra o mandonismo político e autoritário da cidade de Campina Grande.

Sindicalista, tentou entrar para a política pela primeira vez em 1988, concorrendo ao cargo de vereadora, não conseguiu porque o seu partido, o PT (Partido dos Trabalhadores) não conseguiu o coeficiente partidário mínimo¹³, tentou novamente em 1990 para Deputada Federal e em 1994 para Assembleia legislativa. E em 1996, tentou novamente para vereadora, conseguindo se eleger com 3.870 votos, sendo a segunda vereadora mais votada naquele ano¹⁴. Em 1998, concorreu a um cargo no Senado Federal, ficando em 3º lugar¹⁵.

Em 2000, se coligou com Cássio Cunha Lima, na Coligação Democrática Campinense, ele como prefeito e ela como sua vice, vindo a ganhar as eleições. Em 2002, Cássio renunciou o cargo na prefeitura para tentar o governo do Estado e Cozete se tornou a

¹¹ Foram os nomes escritos de forma diferente que encontrei em artigos de jornal para falar sobre a mesma pessoa, que no caso seria Cozete Barbosa.

¹² A expressão aqui usada é comumente utilizada por pessoas próximas a Cozete e que sempre a colocam como uma pessoa forte e guerreira para o seu tempo, sempre disposta a lutar e bater de frente com os adversários.

¹³ Vereador e deputado são eleitos pelo sistema proporcional, enquanto que Presidente da República, governadores, senadores e prefeitos são eleitos pelo sistema majoritário. Neste, o que vale é a maior quantidade de votos obtidos por uma pessoa, ao passo que naquele, o que vale é a maior quantidade de votos que o partido ou a coligação conseguem obter. No site do TSE tem: “[...] para conhecer os deputados e vereadores que vão compor o Poder Legislativo, deve-se, antes, saber quais foram os partidos políticos vitoriosos para, depois, dentro de cada agremiação partidária que conseguiu um número mínimo de votos, observar quais são os mais votados. Encontram-se, então, os eleitos. Esse, inclusive, é um dos motivos de se atribuir o mandato ao partido e não ao político”. Para mais informações, ver: <http://www.tse.jus.br/o-tse/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-5-ano-3/como-funciona-o-sistema-proporcional>

¹⁴ O primeiro colocado nessas eleições foi Romulo Gouveia, com 4.028 votos.

¹⁵ Nessas eleições o mais votado foi Ney Suassuna com 455.359 votos e em segundo lugar ficou Tarcísio Burity com 394.294 votos.

primeira mulher a assumir a Prefeitura Municipal de Campina Grande, em 5 de abril de 2002. Deixando a prefeitura em 1º de janeiro de 2005.

Devo deixar claro, que aqui é trazido retalhos da sua história, a partir de artigos de jornais cedidos pela própria Cozete Barbosa e pelo SINTAB, que foram colocados em ordem cronológica, mas, principalmente neste capítulo, muitos fragmentos ficaram sem resposta de como terminou uma determinada greve ou reivindicação, pois os documentos não existem mais, ou não foram achados por mim, deixando assim para os próximos historiadores que virão fazer ou reconstruir essa história.

2.1 Primeiros momentos da vida pública de Cozete Barbosa (1984-1986)

Cozete conta como começou a sua vida pré-sindicalista, na antiga Associação dos Servidores Públicos Municipais:

[...] houve uma rebelião¹⁶ contra o presidente da associação, que era seu Sipilica, que não deixava ninguém se sindicalizar¹⁷, a não ser aposentado, ele dizia que os ativos faziam greve e que greve era bagunça. Então, um movimento enorme, bonito, que foi... inclusive que começou num setor que era improvável que era o de processamento de dados, que eu estava lá. E a gente começou a pegar papel e fazer não sei que e começou na câmara e começou aquela revolução e aí eu fui me destacando e no fim me nomearam relações públicas da ASPMCG, eu tinha esse cargo lá, era um sindicato bem arcaico, aí me nomearam relações públicas. Que foi quando Ronaldo entrou, que tava havendo a redemocratização do país e... aí a gente fez um grande movimento por salário... e no final das contas era num teatro e no teatro deu 3 mil pessoas, os garis paravam espontaneamente os carros na porta do teatro e entravam. Foi o maior movimento de massa que já houve nessa cidade. O teatro lotado, a assembleia lotada, era assim: uma coisa de louco. Eu botava as mãos para trás, porque eu botava para me tremer. E aí eu disse: esses reajustes é uma coisa imoral, uma coisa assim.

Aí os intelectuais que entraram com Ronaldo, disse que já tinham rapado o “fundo do tacho”, a gente não tinha mais como ter reajuste. Eles deram um reajuste pra gente bem pequenininho. Aí o pessoal foi e voltou da greve. Aí no dia seguinte que Ronaldo tinha dado o reajuste pra gente insignificante, deu 30% aos secretários. Mas minha posição tinha sido contrária de voltar da greve, de defender contra aquele reajuste... E foi aí que a gente rachou o movimento, que era um movimento pro-Ronaldo, que era Fábio Freitas daqui da universidade, Festini do cursinho, Elizabeth Araújo, Oliveiros Olivera, que vem do partido comunista. E aí vem toda

¹⁶ Cozete não se lembra ao certo quando foi essa rebelião, mas provavelmente início dos anos 80.

¹⁷ Quando questionada porque Seu Sipilica não queria que os ativos se filiassem a associação, Cozete respondeu: “[...] mas ele é uma pessoa... uma pessoa tranquila, uma pessoa que não tinha noção das coisas, foi, vivia na ditadura e devia ter uns ensinamentos da ditadura pra ele e ele achava que greve era uma bagunça e que se os ativos se filiassem iriam bagunçar, nas palavras dele, a associação, então a associação era só assim pra ajudar no caso de morte, tinha o tumulto do servidor e quem morresse tinha onde se enterrar e fazer alguns tipos de assistência, de assistencialismo e só e só aposentado se sindicalizava” (entrevista concedida em 11 de novembro de 2019). Deve-se lembrar de que o Brasil estava saindo de uma ditadura que já durava há quase 20 anos e que durante esse tempo os militares repreendiam duramente qualquer movimento contra o seu regime, provavelmente por isso o senhor Sipilica não queria que os trabalhadores ativos se sindicalizassem.

uma turma que era nova, sem partido, que foi onde surgiu um pessoal pró-PT, pró-CUT. E esse pessoal da velha guarda do PCB, partido comunista, que formou outra chapa. Ai a gente fez uma reunião no sindicato dos bancários e vamos decidir lançar uma chapa, Mussuline [Araújo Coelho da Nóbrega] que pediu uma chapa chamada mudança e a gente lançou essa chapa, ai a gente ficou de chamar, indicar uma pessoa para presidente, eu não tinha noção daquilo, eu tinha feito movimento estudantil, mas eu nunca tinha ocupado cargo, nada. Eu ocupava cargo em classe, até então fazia política na classe, esportes, essas coisas. Ai me indicaram presidente.

Ai eu... fiquei de pensar, fiquei assim meia tonta...Ai a gente lançou a chapa e tivemos de 80% da votação. A gente achava que ia perder porque Oliveiros Oliveira era um cara intelectual, era um cara que foi preso na ditadura. A chapa nunca foi apoiada por Ronaldo, todos os cargos comissionados votando. A gente ganhou. (Entrevista concedida em 30 de setembro de 2019)

Cozete diz que esses acontecimentos ocorreram entre 1982 e 1983. Porém, fica a dúvida, por que seu Sipilica não queria que os ativos fizessem greve? Deve-se lembrar de que por esses anos estava acontecendo o fim da Ditadura Militar no Brasil, que já durava quase 2 (duas) décadas, estava havendo a redemocratização, mas as greves e paralisações ainda eram proibidas, as lutas contra o regime ou contra os políticos ainda não eram permitidas, a repressão ocorria, a polícia reprimia quando havia movimentos na rua¹⁸.

Primeira vez que encontrei uma informação referente à Cozete Barbosa, em seus arquivos pessoais, e que saiu em jornal foi em janeiro de 1985, no Correio da Paraíba, que informava que tinha havido uma reunião discutindo a questão do aumento salarial dos servidores municipais, no qual trazia: “Cozete B. Medeiros, secretaria da associação” (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 18 de janeiro de 1985). A associação a qual o jornal falava era a Associação dos Servidores Públicos Municipais de Campina Grande – ASPMCG, a qual mais tarde, Cozete se tornaria presidente.

Nos meses seguintes foi destaque nos jornais as reivindicações que os servidores municipais queriam fazer ao então prefeito de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima, entre as reivindicações estavam: “80% de reajuste unificado e que nenhum servidor municipal [recebesse] salário inferior ao mínimo; [...] projeto de Lei a ser encaminhado ao Prefeito [...] reformulando a atual Lei da semestralidade, que esta [passasse] para os meses de maio e novembro; [...] indicativo de apoio da Câmara Municipal ao Projeto de Lei; [...] apoio integral da FASPEP; concurso público para qualquer ingresso na Prefeitura; debates de questões

¹⁸ Veremos mais na frente, que mesmo após a redemocratização do Brasil, a polícia ainda era usada para reprimir movimentos grevistas pelas autoridades políticas. Em Campina Grande, ocorreu muito quando a ASPMCG e o SINTAB faziam greve e invadiam os “símbolos” das autoridades municipais, como a Secretaria de Finanças e Administração e o Gabinete do Prefeito.

nacionais; e carta aberta à comunidade”. (DIÁRIO DA BORBOREMA, datado em 23 de maio de 1985).

Não se sabe informar com exatidão em que ano ou mês, Cozete assumiu a diretoria da ASPMCG – acredito que entre 1984 e 1985 -, pois, como dito acima, no Correio da Paraíba, datado em 18 de janeiro de 1985, ela sai como secretaria da associação, porém, no Jornal da Paraíba, datado em 15 de junho de 1985, Cozete já aparece como presidente dessa associação.

É encontrada nos arquivos do SINTAB a seguinte foto, com a seguinte frase escrita à mão na parte traseira: “Diretoria da ASPMCG, 1984”, nos levando a crer que tenha sido esse o momento que Cozete assumiu a presidência da associação.

Figura 1 – Diretoria da ASPMCG, 1984.

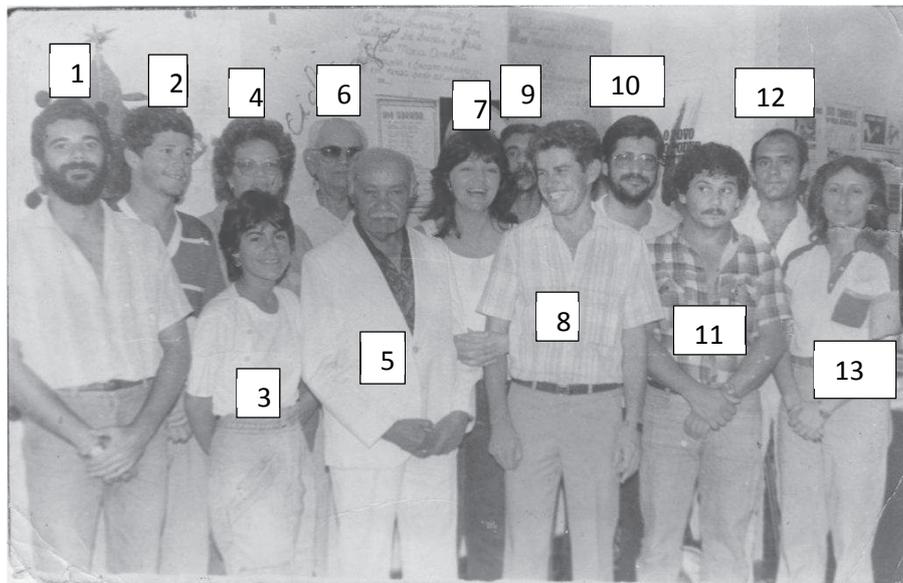


Figura 1 – 1: Mario; 2: Ariosvaldo; 3: Aparecida Braga; 4: Jandira; 5: Seu Manoel; 6: Durval; 7: Cozete; 8: Edraldo; 9: Freire; 10: Albino; 11: Josinaldo; 12: Faustino e 13: Elizabeth Araújo.

No dia 15 de junho de 1985 tem-se a seguinte matéria:

Figura 2 – Prefeitura afasta Cozete.



Figura 2- Jornal da paraíba, 15 de junho de 1985.

O texto abaixo do título diz que Cozete Barbosa é afastada do seu cargo no Centro de Processamento de Dados (C.D.P.) por ser “acusada de incitar o movimento paredista¹⁹” (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 15 de junho de 1985) que tinha ocorrido na última quinta-feira, segundo o mesmo jornal:

A presidente da Associação dos Servidores Públicos Municipal de Campina Grande, Cozete Medeiros Barbosa, foi afastada, ontem, de suas funções no C.D.P. (Centro de Processamento de Dados) da Prefeitura Municipal de Campina Grande, órgão ligado a Secretária de Finanças. Ela foi posta à disposição e vai receber os salários sem prestar serviços, já que não pode ser demitida. Isso como forma de repressão por haver liderado o movimento de paralisação dos servidores na última quinta-feira. Alguns funcionários municipais das secretarias de Administração e de Finanças tiveram o ponto cortado (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 15 de junho de 1985).

Quando questionada sobre esse período, Cozete deu o seu depoimento sobre o que aconteceu:

Ele chegou a me demitir, eu fui demitida. Antes de 88 eu fui demitida. E me lembro demais como se fosse hoje, eu fui para a secretária de finanças, o camarada demitiu e aí o camarada me chamou lá e aí disse: você está demitida. Aí quando eu fui saindo, ele disse: moça! Eu olhei para trás, aí ele disse: quem semeia vento, colhe tempestade. Eu olhei para ele e disse: eu não semeio vento, eu semeio a própria tempestade. Aí Ronaldo foi para Boqueirão, aí em Boqueirão estava havendo uma discussão, aí a CUT tava lá e Davi Lobão tava lá. Aí Davi Lobão disse: o senhor está tirando onda de democrata aqui, mas o senhor demitiu a presidente da associação lá de Campina Grande, Cozete Barbosa. Aí ele disse: não, eu não demiti. Aí Davi: demitiu sim, ela está demitida. Aí Ronaldo foi e readmitiu. Mas foram demitidos vários companheiros nossos. Gente do PDT, de outros partidos, foi demitido um monte de gente do movimento da gente, a gente não tinha estabilidade. A gente só ganhou estabilidade em 88, com a constituição. (Entrevista concedida em 30 de setembro de 2019)

E continua dizendo: “Foi Milton Soares, ele não me aceitou mais, mas eu fui demitida e readmitida. E eu devo isso a Davi Lobão, que fez Ronaldo me readmitir. Mas assim, quem demitiu mais gente do sindicato foi Cleriston Lucena, que depois foi pro tribunal de contas”²⁰.

O Jornal da Paraíba diz que Cozete não poderia ser demitida, contudo, o ano era de 1985 e ainda não se tinha efetivado a estabilidade para o funcionalismo público, como na própria fala de Cozete: “A gente só ganhou estabilidade em 88, com a constituição”. Com o fim da Ditadura Militar e a redemocratização do Brasil, foi formulado em 1988 a nova

¹⁹ Movimento Paredista era o movimento organizado pela ASPMCG para que os funcionários públicos parassem de trabalhar, havendo então diversas manifestações pelas ruas de Campina Grande, principalmente no centro da cidade, com a “invasão” de prédios públicos como a Secretaria de Finanças e Administração. Os funcionários paravam o seu serviço para se manifestarem, na maior parte das vezes, em que encontrei informações, esse movimento se manifestava por melhores salários.

²⁰ Entrevista concedida em 30 de setembro de 2019.

Constituição da República Federativa do Brasil, em que funcionários públicos ganhavam a estabilidade no emprego, não podendo ser demitidos pelos políticos. A partir da Constituição iria haver concursos públicos para poder contratar novos funcionários.

Até a implementação da Constituição, os políticos que tivessem sido eleitos para algum cargo público, substancialmente para o poder executivo, poderiam demitir funcionários quando quisessem. Ocasionalmente que muitos funcionários públicos votavam no político que se encontrava no cargo ou no político que tivesse mais chances de ganhar, para assim poder garantir seu emprego, sendo assim uma “troca” de favores²¹.

Nessa época, Cozete já contava com os seus 29 anos, estava iniciando os seus primeiros passos como figura pública, participante do movimento sindical, comandava a Associação e o movimento grevista e paredista, para que a situação dos servidores públicos municipais fossem melhoradas, teve embates “acalorados” contra a Prefeitura Municipal e com o então prefeito de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima, se não diretamente, mas pelo menos indiretamente.

Após esse embate em 1985, só se tem notícias de Cozete e da Associação em 1986, quando “Servidores do Matadouro Público rebelaram-se contra Administrador” (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 1º de maio de 1986).

Figura 3 – Cozete e funcionários do matadouro.

²¹ Mesmo não sendo desse período, podemos lembrar do Voto de Cabresto, muito comum durante a Primeira República, em que funcionários de uma fazenda votavam em quem o coronel determinava, para poderem assim permanecerem com os seus empregos, ou porque tinham medo do que o coronel poderia fazer contra eles ou contra sua família. Seria assim também uma troca de favores, onde o coronel prometia emprego e segurança, em troca, o seu trabalhador tinha que votar em quem ele determinava.



Figura 3 – Jornal da Paraíba, datado em 1º de maio de 1986.

Segundo a matéria, os funcionários do matadouro se rebelaram e ameaçaram haver greve, caso o administrador do matadouro, conhecido como “Sargento Vaqueiro” não fosse afastado. Eles reivindicavam o afastamento do Sargento Vaqueiro por causa dos maus tratos a que eram acometidos diariamente no matadouro. Cozete fala o porquê dessa rebelião:

Uma vez o cara saiu a pé... foi lá para o Sindicato... e eles tinham uma prisão no matadouro, eles prendiam os meninos dentro do matadouro. O sindicato atuou muito com esse Sargento Vaqueiro, ele era perigosíssimo [risos]. Os cara queriam matar ele de facada, ai eu tive que correr pro matadouro. (Entrevista concedida em 1º de novembro de 2019).

Cozete continua dizendo:

[...] os “cabas” querendo matar ele, eu chegava lá, todo mundo com uma peixeira desse tamanho. E eu ficava no meio desses homens, todos armados de peixeira, querendo matar...era uma coisa, todo mundo com aquelas “peixeronas” de tira, as peixeiras tudo suja de sangue e eu no meio deles tudim. (Entrevista concedida em 1º de novembro de 2019).

O que me chama atenção na matéria é principalmente a foto, onde se vê Cozete em primeiro plano, como que em uma reunião, rodeada de homens, se levarmos em questão que a época não era comum ter uma mulher em reuniões, tomando decisões, discutindo questões publicas, da sociedade.

No mesmo ano, no dia 19 de setembro de 1986, no Jornal da Paraíba sai uma nova matéria: “‘Barnabés’ ameaçam greve” – o termo BARNABÉ pesquisado no Dicio (Dicionário Online da internet) significa: funcionário público de baixa categoria -, essa greve seria por causa de reivindicações que não obtiveram respostas do prefeito da época, Ronaldo Cunha Lima. A paralisação ocorreria no próximo dia 30 daquele mês:

[...] no museu de Arte ‘Assis Chateaubriand’, será realizado um dia de protesto pelo não atendimento das reivindicações da categoria, com palestras, discussões, shows e uma passeata ao final da tarde, saindo do Museu, com destino ao Gabinete do Prefeito, onde lá irão contestar o seu descontentamento com relação ao não atendimento das reivindicações pelo poder público municipal. (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 19 de setembro de 1986).

Não se pode afirmar como terminou essa paralisação, se os “Barnabés” conseguiram com que suas reivindicações fossem atendidas.

2.2 – Cozete e uma possível candidatura: 1987

Figura 4 – Cozete é candidata a Prefeita



Referente a essa imagem, não existe na folha em que foi colada nem referência da data e nem em qual jornal foi publicada a reportagem. Mas acredito que a notícia deve ter saído por volta de 1987, já referente às eleições que iriam ser realizadas no ano seguinte.

Em cima dessa reportagem há outra, onde diz:

“[...] Cozete Barbosa, que teve seu nome lançado para candidata a Prefeita desta cidade no ano de 1988, pela vereadora Tereza Braga²². Para Tereza, Cozete é uma mulher muito capacitada para ocupar o cargo por isso alguns segmentos sociais e políticos de Campina Grande optaram por seu nome afirma ela.²³”

Pelo que vemos já se cogitava que um dia, Cozete sairia candidata ao cargo de prefeita de Campina Grande. Não seria em 1988, que Cozete tentaria se eleger como prefeita. Nesse ano, ela concorreu para o cargo de vereadora.

Quando questionada o que Cozete achava disso na época, ela respondeu:

[...] não me passava nem pela cabeça essa história, ela, Tereza queria colocar alguém de classe média, que ela achava que deveria ter... um destaque político e como eu estava com ela nessa luta, ela achava que se a gente tivesse um destaque, um apoio político, a gente se fortalecia nessa luta[...], mas não teve nada haver comigo não. (Entrevista concedida em 11 de novembro de 2019).

2.3 – 1988: E os embates políticos

Encontrei nesse ano – 1988 -, a primeira reportagem que fala sobre ameaças à Cozete Barbosa, como veremos mais na frente, houve outras ameaças à sua vida. No Jornal da Paraíba, datado em 05 de abril de 1988, vem dizendo: “Em reunião, ontem, a diretoria, da Associação dos Servidores Municipais de Campina Grande (ASPMCG), resolveu criar uma comissão de sindicância, para [...] procurar saber quem são os prováveis autores de ameaças de morte contra a presidente, Cozete Barbosa”. (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 05 de abril de 1988). Quem ganharia com a morte de Cozete?

Por ser uma pessoa que confrontava com os políticos da região e que aparentemente não tinha medo de enfrentá-los, quem mais ganharia com a sua morte seriam os próprios políticos que se sentiam ameaçados pela força das suas reivindicações para os trabalhadores ou como eram comumente chamados, os barnabés.

Mais abaixo da primeira notícia e colado à mesma folha, vem dizendo qual seria o motivo das ameaças a Cozete, teria havido denúncias de “desfalque na Associação dos Servidores públicos Municipais de Campina Grande” (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 05 de abril de 1988). E a sindicância seria para apurar se as denúncias eram verdadeiras, a comissão teria 72 horas para dar um parecer.

²² Quando questionada qual a sua relação com Tereza, Cozete respondeu: “a gente era muito amiga na época”.

²³ O recorte colado na mesma folha da foto acima, não possui referência em qual jornal foi veiculado e nem a data. Acredito que o ano seja de 1987 fazendo alusão as eleições que iriam ocorrer em 1988.

Quando questionada sobre o que tinha acontecido, Cozete responde:

Isso foi uma notícia completamente mentirosa, primeiro que não houve desfalque, nunca houve um desfalque na associação, a gente nem tinha como ter desfalque ali, é uma questão plantada pelo governo, que fazia oposição a gente e tinha chapa financiada pelo governo para fazer isso, a gente tinha um conselho independente, eleito na assembleia. É tanto que não tinha prova nenhuma, se o governo tivesse prova, ele tinha detonado a gente. Nunca houve prova, a gente resistiu muito... isso foi o mérito da gente, ter sobrevivido a esses governos populista e que não convivia bem com a democracia e enfim. Não deu absolutamente nada, nada, nada, nada. Nunca houve esse desfalque, nunca houve, tanto que a associação só cresceu né? Reformou, fez a sede, fez curso e sempre foi muito transparente nas suas finanças, isso foi uma... hoje a gente chama de Fake News, completamente notícia plantada pelo então governo de plantão. (Entrevista concedida em 11 de novembro de 2019).

Nesse mesmo ano, sai uma notícia de nova tentativa de aumento salarial dos servidores públicos municipal:

A Associação dos Servidores Públicos Municipais de Campina Grande encontra-se já em plena campanha, objetivando conseguir um novo aumento salarial para a categoria. Segundo a presidente da ASPMCG, Cozete Barbosa, a entidade está reivindicando a garantia de pelo menos o salário mínimo e acrescenta que, a defasagem salarial do funcionalismo municipal é bastante acentuada”. (A UNIÃO, datado em 24 de maio de 1988).

Posterior a essa data, só temos notícia a ASPMCG em 12 de julho de 1988, quando o jornal traz a notícia de que o abono do salário dos servidores de Cz\$ 6 mil cruzados não satisfaz a categoria. Enquanto Ronaldo Cunha Lima assegurava “que, nenhum servidor ficará abaixo do mínimo [salário mínimo], a presidente da ASPMCG, diz o contrário e mostra que a maioria da categoria, não terá sequer, seu salário equiparado ao mínimo nacional²⁴”. (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 12 de julho de 1988). Na mesma reportagem ainda vem dizendo: “Segundo a representante dos Servidores Públicos Municipais de Campina Grande, Cozete Barbosa de Medeiros, essa, a terceira campanha salarial da categoria, realizada em 88²⁵” (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 12 de julho de 1988). Ou seja, naquele ano já tinha tido outras campanhas com paralisação dos servidores.

²⁴ Deve-se lembrar de que nesse ano é implementada a nova Constituição da República e que assegurava um salário mínimo para os trabalhadores, não podendo o salário deles ser abaixo do mínimo estabelecido. Em uma busca rápida pela internet pode-se encontrar que o salário mínimo de julho de 1988 era de 12.444,00 cruzados. Segundo Cozete, mesmo com o aumento de 6 mil cruzados, alguns funcionários ainda não conseguiriam ganhar o salário mínimo nacional Para mais informações ver: https://www.debit.com.br/consulta30.php?indice=salario_minimo

²⁵ Em fins da década de 80 e início dos anos 90, os salários eram atualizados constantemente por causa da inflação que afligia o Brasil, inclusive com várias mudanças da moeda nacional. Só vindo a vingar o Plano Real, estabelecido em 1993, no governo de Itamar Franco.

Ao longo de todo esse ano de 1988, as notícias que encontramos são todas relacionadas ao aumento dos salários dos servidores públicos municipais, tendo a frente nas reivindicações, Cozete Barbosa, então presidente da ASPMCG. Também devemos ressaltar que foi em 1988 que Cozete se candidatou a primeira vez a um cargo público, para Vereadora de Campina Grande, não obtendo êxito pois seu partido não conseguiu o coeficiente mínimo²⁶. Ela tentaria nova eleição em 1990.

2.4 – Primeiros embates entre Cozete Barbosa e Cássio Cunha Lima

É em 1989 que Cozete deixa a presidência da ASPMCG, com eleições que seriam realizadas no dia 21 de março, assumindo em seu lugar Jandira Rodrigues de Lima. É também nesse ano que começa os primeiros embates entre Cozete Barbosa e Cássio Cunha Lima, que sucedeu seu pai, Ronaldo Cunha Lima, na Prefeitura Municipal de Campina Grande, quando a Associação dos Servidores Municipais e o Sindicato dos Trabalhadores Municipais do Agreste da Borborema (SINTAB) resolveram fazer greve por tempo indeterminado, pois os seus salários estavam abaixo do salário mínimo estabelecido: “[...] o salário mínimo de junho era de 120 cruzados e a Prefeitura pagou 84 cruzados; o salário de julho era de 148 cruzados e o Município também pagou 84 cruzados” (A UNIÃO, datado em 1989).

Segundo o site da Debit no ano de 1989, o salário mínimo variou de 54,37 cruzados em janeiro a 788,18 cruzados em dezembro:

Figura 5 – Tabela do salário mínimo.

DATA	VALOR
01/1989	54,37
02/1989	63,90
03/1989	81,40
04/1989	81,40
05/1989	81,40
06/1989	120,00

²⁶ Ver nota de rodapé 10 da página 23.

DATA	VALOR
07/1989	149,80
08/1989	192,88
09/1989	249,48
10/1989	381,73
11/1989	557,33
12/1989	788,18

Figura 4 - Quadro encontrado no site Debit²⁷.

Como já dito acima, a década de 80 e início dos anos 90 foi um período de grande inflação no Brasil e o salário era atualizado quase que diariamente já que o preço dos produtos sofria variação. Atingindo principalmente os mais pobres, como os barnabés, pois o seu salário não acompanhava a inflação.

Durante os meses seguintes, entre junho, julho e agosto, apenas foram encontrados informações sobre o movimento paredista que o sindicato organizou junto com os professores municipais, estando à frente agora Jandira Rodrigues, nova presidenta da ASPMCG. Entretanto, encontrou-se no dia 03 de agosto a seguinte matéria:

PUXÃO DE ORELHA

Aquelas mulheres da seita do PT, Cozete e Jandira, encheram tanto a generosidade do meu amigo Juarez Amaral que ele não teve outra alternativa senão falar a verdade no ar, dando mais credibilidade ao Jornal de Verdade. A greve do Município e *as falas daquelas duas que abominam a feminilidade não passam de política partidária de baixo nível. (grifo nosso).*

Felizmente, o povo não é burro! (DIÁRIO DA BORBOREMA, datado em 03 de agosto de 1989).

A visão que se tinha das mulheres, era que elas tinham que casar, serem mães e dona de casa, a partir do momento que uma mulher saía do que era tido como o seu “papel” perante a sociedade, eram julgadas e criticadas como se não fossem femininas. Participarem do PT era um agravo maior ainda, porque participavam de um partido “subversivo”²⁸, criado

²⁷ O site em questão traz de 1964 a 2019 o valor do salário mínimo por ano e mês. Para mais dúvidas, consultar: https://www.debit.com.br/consulta30.php?indice=salario_minimo

²⁸ O PT (Partido dos Trabalhadores) foi criado na Paraíba a partir dos movimentos sindicais surgidos por volta da década de 70, como diz Nunes: “Na Paraíba, apenas estas duas organizações sindicais urbanas [AMPEP e Sindicato dos Têxteis] participaram do processo de criação do PT no Estado da Paraíba, no ano de 1980, e,

por sindicalistas. Reivindicar alguma coisa era algo absurdo para a oligarquia que estava começando a ver que a sociedade estava mudando, adquirindo novos “ares” e novas formas de ver, pensar e agir.

O Brasil tinha saído de uma Ditadura Militar (1964-1985), e ainda estava construindo uma base democrática. A sociedade, assim como a política no geral ainda estava aceitando que as pessoas podiam fazer greves, paralisações, reivindicar alguma coisa, para um homem estar nesse meio de insubordinação, como era visto pela oligarquia, já era muito difícil, para uma mulher, acabava sendo mais difícil ainda, porque para a sociedade, é como se ela estivesse deixando de ser mulher, para querer se igualar a um homem, então elas deixavam de ser femininas²⁹, assim, poderiam denegrir a sua imagem enquanto mulher.

Vemos assim que mesmo não sendo mais a presidenta da ASPMCG, Cozete não ficou longe da luta dessa associação, da imprensa e do imaginário que dela era construído, continuou participando das atividades da ASPMCG. E como vimos acima, atingindo os homens que não aceitavam a participação de uma mulher no movimento de massa, diminuindo assim a sua feminilidade, assim como a de Jandira, que agora era presidenta da associação.

Nesse período, também é idealizado pela associação uma sátira, tendo como referência o professor Raimundo de Chico Anísio³⁰:

No final da tarde, em frente a Secretaria de Finanças do município, os grevistas encenaram mais uma vez “A Escolinha do Professor Cunha Lima”, baseado no personagem professor Raimundo, de Chico Anísio Show, satirizando a situação

posteriormente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), em julho de 1984, além de alguns sindicatos de trabalhadores rurais e membros de oposição sindicais” (NUNES, 2004, p. 62). Participar de sindicato(s) e, posteriormente, ser filiado ao PT era para ser tido como subversivo, eram pessoas que não estavam convergentes com a regra normal da sociedade.

²⁹ “Desde a antiguidade, quando cabia ainda aos mitos a tarefa de explicar a formação e configuração do Cosmos e do ser humano, mortal, sexuado e cultural, reservaram-se para a mulher características ditas naturais, como passividade, submissão, fragilidade, menor capacidade de raciocínio e maior emotividade. Essas características, ao serem ora aceitas, ora rejeitadas pela mulher, contribuíram para fazer dela o lugar dos paradoxos. Se as aceitava, estava cumprindo a contento o papel de abrigo do divino, lugar de repouso do desejo do outro, corpo afeito à doação, abnegação, renúncia e passividade. Objeto identificável e identificado via desejo do outro. Por outro lado, se renunciava àquelas características, chamadas naturais pela cultura de uma civilização marcadamente falocrática, a mulher tornava-se o abrigo do diabólico, o liame entre a terra e os infernos, refúgio e esconderijo das perversões prontas a se revelarem no gozo *ad-infinitum* e na pulsão da morte. Nessa ordem das coisas, igualaram a mulher à natureza, indomável na sua força, no seu potencial e no mistério de criar e procriar. Em um ou em outro molde, criou-se a mulher forjada por definições que lhe são conferidas de fora” (VIANA, 1995, p.13).

³⁰ O programa em questão é a Escolinha do Professor Raimundo, apresentado pela Rede Globo durante as décadas de 1980/90, que traz uma sátira/crítica a sociedade e aos acontecimentos desta. Foi utilizado como peça pelo SINTAB para satirizar a política campinense e o baixo salário dos professores e dos servidores públicos no geral, sendo encenado nas ruas de Campina Grande.

atual da Educação de Campina Grande. (DIÁRIO DA BORBOREMA, quarta-feira, 16 de agosto de 1989).

Encontraram-se fotos dessa peça realizada no centro de Campina Grande no SINTAB, com a participação de Cozete.

Figura 6 – Cozete como Seu Peru 1.



Figura 5 - Escolinha do Professor Cunha Lima, 15 de agosto de 1989. De casaco rosa, com laço laranja na cabeça, Cozete está representando Seu Peru da escolinha do Professor Raimundo.

Figura 7 – Cozete como Seu Peru 2.



Figura 6 - Escolinha do Professor Cunha Lima, 15 de agosto de 1989. De casaco rosa, com laço laranja na cabeça, Cozete está representando Seu Peru da escolinha do Professor Raimundo.

Durante o ano de 1989, todas as informações que se conseguiu obter foi sobre a greve do funcionalismo público municipal, aderindo mais tarde também os professores do Estado. Ao longo da greve, invadiu-se o gabinete do prefeito, a Câmara Municipal Felix Araújo, apresentou-se peças, como a escolinha do Professor Cunha Lima e o enterro da educação, no centro da cidade de Campina Grande. No Diário da Borborema saiu a seguinte matéria:

Figura 8 – Cristo da Educação.



Cristo da Educação

Pelo menos três mil servidores de 15 órgãos estaduais, que estão com suas atividades paralisadas, participaram ontem de uma passeata pelas ruas centrais de Campina Grande. O protesto, parodiando a "Via Sacra", teve momentos de comicidade, como o em que um funcionário, carregando uma pesada cruz, (foto) contava à multidão suas dificuldades para sobreviver com o salário de NCz\$ 60,00.

Dividida em 16 "estações" - as

quais os grevistas aproveitavam para satirizar a política salarial do Estado - a "Via Sacra" também contou com a participação dos professores municipais, em greve há 17 dias. No final do isolito protesto, já na Praça da Bandeira, os manifestantes procederam a crucificação do servidor público ao mesmo tempo voltavam a criticar o que consideram "descaso dos governantes com as necessidades básicas do trabalhador".

(Página 8)

Figura 7 - Diário da Borborema, datado em 18 de agosto de 1989.

Observa-se assim como era feito o movimento pelos sindicalistas, como era as suas reivindicações. Eles não só paravam, mas iam para a rua, se manifestavam.

Esse também foi o primeiro ano de mandato de Cássio Cunha Lima como prefeito de Campina Grande. Além de ter “batido de frente” com Ronaldo Cunha Lima, Cozete passou a “bater de frente” com Cássio, mesmo não sendo mais a presidenta da associação, ela continuou atuando, reivindicando. Para muitos, ela seria uma “pedra” no sapato dos Cunha Limas.

2.5 – O lugar de fala de Cozete Barbosa

Em 1991 encontramos a seguinte informação sobre Cozete, que saiu no jornal A Folha, onde informava sobre uma palestra que ela iria proferir na Cidade de Esperança, organizado pelo SINTAB, através do Departamento de Educação Sindical (DES), trazendo Cozete como diretora dessa coordenação e que proferiria a palestra “A mulher nas diferentes formas de sociedade, do feudalismo ao capitalismo”, matéria do dia 31 de março a 06 de abril de 1991, Esperança. Durante sua palestra, “Cozete comentou que a história vem sendo contada ao longo dos tempos pelos homens, pelos brancos e pelos ricos, discriminando assim as mulheres, os negros e outras raças, além dos pobres. Daí a necessidade de organização das mulheres [...]”. (A FOLHA, datado em 7 a 13 de abril de 1991, Esperança).

Viana ressalta sobre as mulheres que falam em espaços públicos:

Essa ampliação do espaço feminino torna-se viável à medida que a mulher toma posse da linguagem, para muitos de valor pouco compreensível e, para outros, base da identificação do homem cultural, enquanto ser simbólico. A medida que a mulher não reivindica para si o direito à fala, no sentido político-ideológico que o sistema linguístico envolve, e não consegue ser ouvida, não pode também ser percebida como ser dotado de razão, potencial de trabalho e sensibilidade discernente (VIANA, 1995, p.13-14).

Não há como avaliar como foi a recepção da palestra de Cozete, mas pode-se analisar que ela busca tomar o seu lugar de fala, de ser ouvida, de criticar e analisar a sociedade em que está inserida, de mostrar que assim como os homens do seu tempo é dotada de razão, de discernimento, que pode avaliar a si e a sociedade. Provavelmente, o seu discurso não atingiu a todos, ou nem a maioria dos que estavam presentes, mas atingiu alguém, fez com que alguém analisasse a sua fala. Ela se mostra como figura feminista, numa sociedade ainda

preconceituosa e que como já vimos, busca diminuir a sua imagem colocando-a como menos feminina, ou menos mulher³¹.

Viana também dirá: “Do confinado espaço das cozinhas e alcovas, espalha-se e se apossa também das salas, varandas, jardins e do resto, dividindo com os homens espaços, ocupações e *principalmente linguagens que lhe eram antes inacessíveis (grifo nosso)*”. (1995, p.13). A linguagem e o estudo que por muito tempo foi negado às mulheres é assumido por Cozete como a linguagem da diferença pouco discutida na sociedade campinense. Além do lugar de fala, Cozete também continua atuando ativamente no SINTAB.

Em 1991, mesmo não sendo mais a presidenta do SINTAB, ela participa ativamente da paralisação dos professores das escolas públicas municipais, estando à frente como uma das diretoras desse sindicato, ela aparece em várias reportagens como uma das diretoras participantes ativamente da greve que durou 15 dias e mais, chama a população para participar:

A sindicalista Cozete Barbosa [...] fez uma convocação para os grevistas não se intimidarem diante das pressões e das repressões policiais ao Movimento³², pelo contrário mostrem a garra e a força da categoria, continuando cada vez mais fortalecidas as suas manifestações defendendo suas bandeiras de luta. ‘Vamos para assembleia, levando as crianças, seus pais, até os cachorros e os papagaios, vamos vestir fantasias de soldado e satirizar essa violência que estão lançando contra os trabalhadores’[...]. (DIÁRIO DA BORBOREMA, terça-feira, 28 de maio de 1991).

Encontra-se Cozete como participante ativa da greve de 1991, em vários momentos acha-se falas sobre ela como que estando a frente do movimento³³.

Ela continuou participando do movimento paredista e do sindicato, até conseguir se eleger em 1996, para vereadora de Campina Grande, ficando em segundo lugar³⁴. Em 2000 sai como vice-prefeita de Cássio Cunha Lima, na Coligação Democrática Campinense.

2.6 – O começo do fim

No Diário da Borborema no dia 04 de março de 2000 sai a seguinte reportagem:

Figura 9 – Cozete I X Cozete II.

³¹ Deve-se lembrar de que quando uma mulher assume a fala em público, para muitos, ela deixa de ser mulher, para se tornar um homem. Os seus trajés, a sua fala, o seu jeito acabam sendo identificados como o de um homem. Ela não é mais uma mulher, ela é uma mulher caracterizada de homem.

³² Como já dito antes, mesmo após o fim da Ditadura Militar, a polícia continuou sendo utilizada como forma de reprimir e intimidar os grevistas. Em 1991, não foi diferente, eram utilizados como cerco para impedir a atuação do movimento, principalmente, em prédios e repartições públicas.

³³ Ver anexo 1.

³⁴ Em primeiro lugar ficou Rômulo Gouveia, com 4.028 votos.

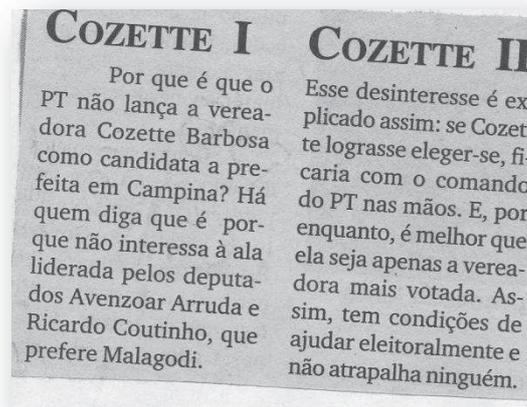


Figura 8 - Diário da Borborema, datado em 04 de março de 2000. Recorte encontrado no livro de Memórias do Mandato Popular da Vereadora Cozete: D. Borborema Fev./Jul. – 2000.

Assim, dá-se a entender que uma parte do partido não queria que Cozete se candidatasse ao cargo de prefeita de Campina Grande, cogitação que já tinha surgido em 1987, ou foi o que o jornalista que escreveu a matéria quis dar a entender – não sei precisar quem escreveu, apenas o jornal onde saiu a matéria.

Havia essa preocupação de alguns integrantes do PT de que Cozete tomasse o comando do partido, caso se elegeisse prefeita de Campina Grande? Cozete tinha se tornado uma das figuras mais representativas na política campinense, entre as décadas de 80 e 90, militante de renome na ASPMCG e, posteriormente, no SINTAB, ela construiu uma história de combate à oligarquia. Tinha ao seu lado a população mais humilde, que era quem ela representou durante sua jornada enquanto figura pública. Por sua história como militante a sua tendência era crescer mais ainda na política, em 1998, ficou em terceiro lugar nas eleições para o senado, o que fez chamar a atenção dos políticos de seu tempo, em especial uma pessoa a quem ela se aliaria. Por sua trajetória e por estar crescendo enquanto figura pública, agora não só em Campina Grande, mas no Estado da Paraíba, talvez isso fizesse com que a área mais conservadora do partido se assustasse ou aqueles que não queriam perder o poder que possuíam dentro do PT.

Alguns dias depois após a primeira reportagem sai outra notícia do PT, agora referente a uma possível coligação entre esta sigla e o PMDB, noticiando a reunião entre Raimundo Augusto, mais conhecido como Cajá, presidente do PT municipal de Campina Grande,

naquele momento, e o então prefeito Cássio Cunha Lima e o presidente municipal do PMDB, José Marques Filho³⁵.

Figura 10 – Cássio se reúne com a executiva petista.

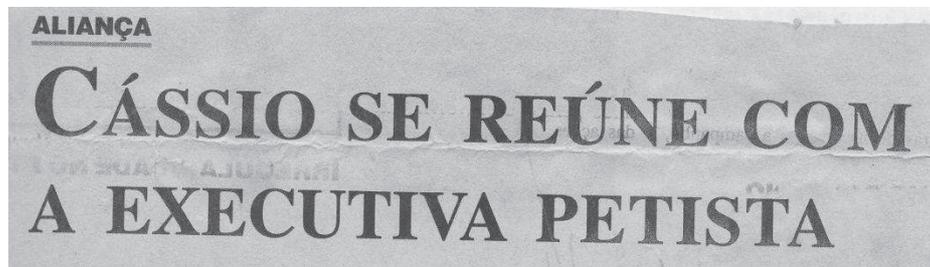


Figura 9 - Diário da Borborema, datada em 14 de março de 2000. Recorte encontrado no livro de Memórias do Mandato Popular da Vereadora Cozete: D. Borborema Fev./Jul. – 2000.

Nessa mesma reportagem, caso houvesse a possibilidade de uma coligação entre esses dois partidos, o PT teria algumas exigências: “[...] o prefeito Cássio Cunha Lima [assumiria] publicamente uma postura de oposição ao governo federal e estadual e a política neoliberal. Além do mais, [precisaria] democratizar a administração municipal, se comprometendo em gerir com mais transparência os recursos públicos” (DIÁRIO DA BORBOREMA, datado em 14 de março de 2000). Também se encontra na mesma matéria: “[...] o partido [do PT] [...] já tem postas duas pré-candidaturas, sendo uma liderada pelo professor Edgard Malagodi³⁶ e outra pelo sindicalista Arimatéia de França³⁷” (DIÁRIO DA BORBOREMA, datado em 14 de março de 2000).

Por essas épocas também existia a possibilidade de aliança entre o PDT e o PT:

Figura 11 – Vital Filho tentará aliança com PT de Campina Grande.

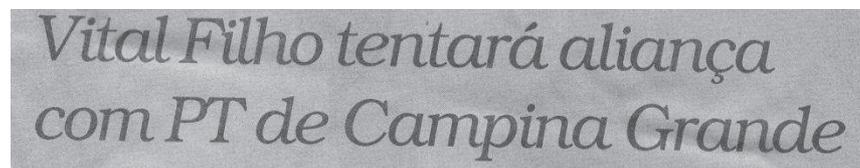


Figura 10 - Correio da Paraíba, datado em 09 de março de 2000. Livro de Memórias do mandato popular da vereadora Cozete.

³⁵ Nunes diz em seu livro: “As primeiras conversações entre o PT de Campina Grande e o grupo Cunha Lima, visando uma aliança para a eleição municipal, aconteceram em 1996, mas, naquela oportunidade, acabou não se concretizando. Na ocasião, os dirigentes do partido na cidade, Cozete Barbosa e Jairo de Oliveira, conversaram com Cássio e discutiram uma possível aliança” (NUNES, 2004, p. 251).

³⁶ Edgard Afonso Malagodi é atualmente professor da Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal de Campina Grande, professor de Sociologia e Teoria Social. Tentou se eleger para Prefeitura de Campina Grande em 1996, perdendo as eleições para Cássio Cunha Lima.

³⁷ Não foi encontrada nenhuma informação a respeito de Arimatéia de França.

Assim, o PT estava com duas opções de escolha para as eleições que seriam realizadas em 4 de outubro daquele ano.

No dia 22 de março de 2000, sai: “Plenário do PT vai definir composição”, onde diz que:

“O Partido dos Trabalhadores decide [...] em plenária a ser realizada no Centro de Tecnologia Severino Loureiro, antigo Museu Vivo da Ciência, se consolida uma aliança política com o PMDB, ou se ratifica a decisão tomada pela base petista na convenção municipal, que optou pela candidatura própria” (DIÁRIO DA BORBOREMA, datado em 22 de março de 2000).

Também no dia 22 tem-se a notícia que o PT e o PDT³⁸ não conseguiram se entender para formar uma coligação:

Figura 12 – PT X PDT.

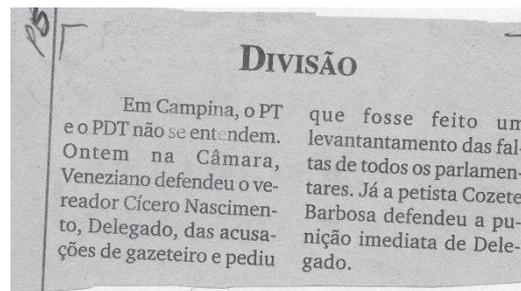


Figura 11 - Diário da Borborema, datado em 22 de março de 2000. Livro de memórias do mandato popul. da ver^a Cozete.

Também no jornal Correio da Paraíba: “O PT de Campina Grande vai realizar uma prévia para definir se aceita proposta de indicar o vice de Cássio” (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 24 de março de 2000). Com a seguinte fala de Ricardo Coutinho: “Esta aliança em Campina fere a resolução do PT de ser contra quem apoia FHC como Cássio. Depois, não pode dar suporte a oligarquia que, há muito mandam na política do Estado” (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 24 de março de 2000).

Durante as negociações, Luiz Inácio Lula da Silva deu uma entrevista por telefone a uma rádio de Campina “defendendo a coligação do Partido com o PMDB³⁹. Indagado se a

³⁸ Os partidos estavam em busca de firmar coligação para as eleições que aconteceriam naquele ano para a prefeitura de Campina Grande, já visionando as eleições que aconteceriam para a Presidência da República em 2002.

³⁹ Anos mais tarde haveria nova coligação entre PT e PMDB, dessa vez o PMDB indicaria o vice do PT e novamente o PT seria traído pelo PMDB, Temer (PMDB) acabou se tornando Presidente da República após Dilma (PT) ter sofrido um *impeachment* em 2016. Veremos que um dos acordos para a coligação – PT e PMDB em 2002 - se firmada, seria de que Cássio Cunha Lima apoiasse Lula para Presidente nas eleições que aconteceriam em 2002, porém, Cássio mudou de partido, foi para o PSDB e acabou apoiando José Serra.

composição não era contraditória por o PT sempre ter sido oposição aos Cunha Limas, ele disse: ‘importante neste momento é a certeza de que ao encabeçar uma chapa com o PMDB, nosso partido terá a oportunidade de avançar no que tange a uma proposta administrativa e social de governo no município’” (MARCOS, 2000, p. 3 *apud* NUNES, 2004, p. 255).

Mostra-se assim as conversações que estavam existindo naquele momento para talvez haver uma coligação, existia o apoio de Lula e do PT nacional, como veremos, para que tivesse a coalizão do PT com outro partido.

Essa coligação entre o PT e outro partido, que acabou sendo o PMDB para as eleições de 2000, que seria para prefeito de Campina Grande, visava as eleições que aconteceriam 2 (dois) anos depois para Presidente da República, com a coalização, o PMDB assumia o compromisso de apoiar a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva nas próximas eleições presidenciais.

Sendo assim, houve um plebiscito⁴⁰ realizado pelo PT para saber se haveria a coligação com o PMDB sendo aprovado por 63%⁴¹ dos petistas, 173 votos a favor da coligação e 102 votos contra. Portanto, estava surgindo uma nova chapa, que mais tarde se chamaria Coligação Democrática Campinense, tendo Cássio como candidato a reeleição a prefeito de Campina Grande, faltando definir quem seria seu vice ou sua vice, que pelo acordo teria que ser alguém do PT, as maiores suspeitas, que eram veiculadas pelos jornais seria de que Cozete sairia como vice-prefeita de Cássio nas eleições, como no título de matéria que saiu no Correio da Paraíba: “PT aprova coligação com o prefeito Cássio em Campina – Vereadora Cozete Barbosa deverá ser candidata à vice-prefeita” (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 27 de março de 2000).

Quando perguntada sobre seu posicionamento, Cozete respondeu:

(Cozete): Meu posicionamento? Meu posicionamento foi pela coligação. Quis, se eu não quisesse eu não teria sido candidata.

(Mylla): Em nenhum momento a senhora não pensou assim: não, eu não quero me relacionar com Cássio.

(Cozete): Pensei, pensei, eu pensei muito, foi um drama muito grande, a partir dai eu comecei até a engordar, fiquei muito deprimida, foi... eu tive muito conflito, muito conflito. Eu tava vivendo um momento de muita dificuldade, com a questão

⁴⁰ Realizado no dia 25 de março, no Centro de Tecnologia Severino Loureiro.

⁴¹ Referente a essa porcentagem, encontrei tanto em matéria do Jornal Correio da Paraíba, com o título: **PT aprova coligação com o prefeito Cássio em Campina**, datado em 27 de março de 2000, quanto no livro: **O partido dos trabalhadores e a política na Paraíba – construção e trajetória do partido no estado**, de Paulo Giovanni Antonino Nunes.

do Serrotão, eu tava sendo escoltada pela polícia federal, os cabas tavam ligando pra cá, atiravam quando ligavam pra cá, havia claramente envolvimento de policiais, inclusive um tenente... é... quando eu vinha pra casa, dois motoqueiros emparedou comigo, fechando as portas e eu me preparei pra morrer, tava comigo inclusive o meu motorista Ari, pode confirmar e... eu... não me dava conta das coisas, da gravidade da situação, mas ao mesmo tempo eu tinha dois filhos e fiz a mesma coisa que Margarida⁴² fez, Margarida apoiou uma pessoa do engenho, um deputado lá do engenho... o genro de Aguinaldo, achando que isso fortaleceria, terminou sendo assinada a mando do próprio. (Entrevista concedida em 11 de novembro de 2019).

Cozete mostra assim que buscou fazer a coligação, como uma forma de se proteger das ameaças de morte que vinha sofrendo, protegendo não só a si, mas a seus filhos também. Enquanto nacionalmente, o Partido dos Trabalhadores buscavam fazer coalizões com outros partidos para eleger Lula, Cozete buscou fazer a coligação como uma forma de se proteger, segundo sua fala acima.

Entretanto, essa coligação PMDB-PT não foi aceita por todos do partido, no dia 27 de março, o Correio da Paraíba noticia que Frei Anastácio, Avenzoar Arruda e Ricardo Cotinho são contra essa coalizão do PT com Cássio Cunha Lima, Frei Anastácio chegou a dizer: “[...] o partido deveria lançar a candidatura da vereadora Cozete Barbosa a prefeita e conversar com o PMDB em um eventual segundo turno” (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 27 de março de 2000). Concluindo: “[...] o PT não pode aderir ao grupo Cunha Lima quando tem as condições necessárias para disputar a eleição municipal de Campina Grande” (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 27 de março de 2000).

Sizenando Leal, secretário sindical do PT/CG, também não aceitava a coligação, “entrou com um recurso pedindo a anulação da coligação, alegando os seguintes motivos” (NUNES, 2004, p. 257):

Cássio Cunha Lima faz parte de uma oligarquia familiar que governa a nossa cidade desde 1983 quando o hoje senador Ronaldo Cunha Lima seu genitor tomou posse [...] durante todos esses anos, a Prefeitura do nosso município serviu de cabide de emprego e de instrumento de clientelismo das elites locais. Também faz parte deste esquema o senhor Cássio Cunha Lima e o ex-prefeito Félix Araújo cuja gestão foi alvo de várias denúncias de corrupção [...] o senhor Cássio Cunha Lima é o principal defensor dos interesses dos setores privilegiados de nossa cidade, dando concessão sem licitação à empresa de transportes coletivos e contratando empresa para coleta de lixo de forma suspeita [...] executa e apoia as políticas neoliberais em nosso município. Privatizou a Celb (ALFREDO, 2000b, p.3 *apud* NUNES, 2004, p. 257-258).

⁴² Cozete faz alusão a Margarida Maria Alves, sindicalista paraibana, assassinada em frente a sua casa em 1983. Para mais informações ver: <https://revistaforum.com.br/noticias/conheca-a-historia-de-margarida-alves-que-inspira-a-marcha-das-margaridas/>

Sobre essa coligação, já aceita pela maioria do partido, Nunes vai dizer: “O PT era conhecido por sua resistência às alianças, mas, de certa forma, movido pela premência de pavimentar a candidatura de Lula [...] junto a amplos setores sociais, mostrou-se mais suscetível a essa questão⁴³ [...]” (SILVA, 1997, p. 88 *apud* NUNES, 2004, p. 187-188). Nunes também traz a seguinte fala:

A partir de 1989, após a realização de seu VI Encontro Nacional, o PT tem como pressupostos para a sua política de alianças três elementos: primeiro, oposição aos apoiadores do regime militar e à direita em geral; segundo, consolidação de um bloco capaz de eleger Lula presidente; e, finalmente, a constituição de um projeto e a necessidade de convencer os trabalhadores da qualidade e viabilidade do mesmo (CICONE, 1995 *apud* SILVA, 1997, p. 93 *apud* NUNES, 2004, p. 190-191).

Com a coligação que acabou de surgir entre PT e PMDB, rivais políticos já há 18 anos, desde que Ronaldo Cunha Lima assumiu a prefeitura em 1983, tendo entre Cozete Barbosa e o clã Cunha Lima como principais adversários, de combates históricos para a cidade de Campina Grande, quando Cozete como presidenta da ASPMCG e depois do SINTAB protagonizou greves e paralisações do setor público municipal. Antonio Marcos dirá:

Figura 13 – Mudança no quadro.

⁴³ A coligação não era só na Paraíba ou em Campina Grande, mas era um fato geral, nacional. O objetivo para que houvesse essas coligações era eleger Lula para presidente, já que seria a 4ª tentativa dele ao cargo. O PT viu que não conseguiria se eleger sozinho, sem o apoio de outros partidos e passou a fazer coligações. Para mais informações ver: NUNES, Paulo Giovanni Antonino. **O Partido dos Trabalhadores e a política na Paraíba: construção e trajetória do partido no estado.** João Pessoa: Sal da Terra, 2004.

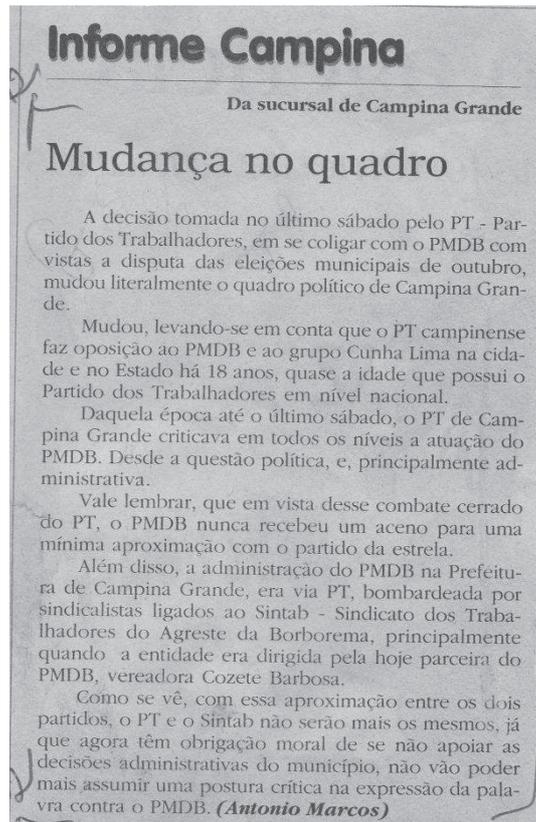


Figura 12 - Correio da Paraíba, datado em 28 de março de 2000. Livro de memórias do mandato popul. da ver^a Cozete

Com base nisso, se pega a fala de duas petistas da época, que viveram esse momento de coalizção, a primeira é Socorro Ramalho, que se tornaria mais tarde a chefe de gabinete de Cozete e Roberta Montenegro que trabalhou na gestão de Cozete como prefeita, ambas na época participavam do PT:

Na época, Cozete, ela despontava, porque em 98, ela tinha sido candidata a senadora, então, ela, por muito pouco voto, ela perdeu pra Ney Suassuna. E olhe que você não pode comparar uma campanha de Cozete com uma campanha de Ney, uma coisa bem... muito distante uma da outra, tô falando em termo de estrutura, de viés ideológico, de compromisso, enfim. Então, Cozete foi, assim, super bem votada e tinha tudo pra ser candidata a prefeita e ser vitoriosa no ano 2000. Cássio que já vinha de um governo, um governo extremamente desgastado, onde ele retirou vários direitos dos trabalhadores municipais, alguns bem sintomáticos assim, tipo: a gente tinha um abono de permanência, quando se aposentava, a gente ficava recebendo aquele abono de permanência, se a gente completasse o tempo e não quisesse se aposentar, a gente continuava trabalhando e recebia aquele abono de permanência. Cássio acabou com isso, Cássio acabou com vários direitos dos trabalhadores [...]. Então, na época, Cozete era do PT, Lula já tinha sido candidato em 89, 94, 98 e ia ser candidato em 2002, como todo mundo sabe, a campanha de presidente, geralmente, ela é precedida pelas eleições municipais e aí essas eleições tem um peso muito grande nos apoios, nas alianças que vão ter a nível de eleição presidencial. Então, em 2000 tinha eleição municipal e em 2002 ia ter eleição presidencial. Cássio tinha feito umas conversas com Lula e tinha sinalizado que poderia sair do MDB na época, que ele era do MDB, era ele, Maranhão, Ronaldo, todo mundo e teve aquela briga toda com Maranhão e

Ronaldo, não sei que e fim. Cássio tava também saindo do MDB, por não ter como conviver com Maranhão e ele tinha sinalizado que poderia ir, não para o PT, mas para um partido de centro-esquerda, onde ele pudesse apoiar Lula para presidente, em 2002, dois anos depois. E que dentro dessas articulações, estaria o apoio do PT a candidatura dele a prefeito e mais do que isso, a indicação de Cozete, como vice-prefeita na chapa dele. É bom salientar, que Cássio não queria qualquer pessoa do PT na chapa dele, ele queria Cozete⁴⁴, porque Cozete era a maior liderança daquele momento do PT, então obvio que ele não ia querer uma Socorro Ramalho, que não tinha voto, quem tinha tido mais de 100 mil votos, 2 anos antes, tinha sido ela, então natural isso, natural assim, aspas, normal dentro da discussão política. E ai, foi uma movimentação muito grande interna no PT, várias correntes contrárias, várias pessoas que trabalhavam inclusive com Cozete, que na época que ela era vereadora contrárias, outras correntes favoráveis, a corrente interna do PT que tinha a maioria, a corrente majoritária, que hoje é o CNB (Construindo Novo Brasil), que na época era articulação, que na época também era representada aqui por Cajá, por mim, por outras pessoas, defendia que se fizesse aliança para que 2 ano depois, Cássio pudesse realmente apoiar Lula, o que pra gente era muito bom, porque o que a gente queria era eleger Lula, presidente do Brasil. E, diante dessa resistência de alguns setores do PT municipal e estadual, o próprio Lula veio em Campina. O PT fez um plebiscito, mas antes Lula veio em Campina, fez um debate defendeu essa aliança. E depois a gente fez um plebiscito, uma consulta interna e a maioria do PT, depois desse debate com Lula, a maioria do PT municipal resolver apoiar, aprovar que Cozete ficasse na chapa com Cássio, então não foi uma decisão de Cozete, obvio que passou por ela, porque ninguém obrigou ela a ir pra chapa, mas teve toda essa movimentação, foi uma decisão partidária, que passou por um debate nacional, que passou pela liderança máxima do partido veio aqui pra fazer esse debate, que passou por uma consulta interna, que é um plebiscito, então assim, não foi Cozete que quis ir ficar com Cássio e acabou, não foi assim, até porque politicamente as coisas não acontecem assim. E nós fizemos aliança, Cássio foi eleito e nesse contexto todo, estava o apoio dele - era o que a gente contava que fosse acontecer - era ele apoiar Lula pra presidente e apoiar a reeleição de Cozete em 2004, essas eram as duas exigências que a gente fazia. (Maria do Socorro Ramalho, entrevista concedida em 07 de outubro de 2019).

E agora Roberta Montenegro:

Na realidade todas as disputas do PT no Brasil é feito um plebiscito, ou seja, uma votação interna com seus filiados para saber, se houver mais de um candidato, se não tiver consenso, para saber entre os filiados quem eles querem que seja o candidato, isso eu tô falando referente a majoritário, proporcional não, todos que desejam ser candidatos se inscrevem e enfim. Pelas informações que eu obtive na época, o PT tinha uma orientação a nível nacional para fazer coligações nos municípios visando à eleição de dois anos pra frente, de 2002, que seria a eleição para presidente do Brasil, então, como Lula já tinha disputado três eleições e não tinha conseguido êxito, o PT começa a modificar a sua política de coligações e começa a fazer coligações com partidos até então considerados de direita, no caso de Campina Grande, em especial, essa coligação foi feita entre PT e PMDB, que

⁴⁴ Cozete despontava nas pesquisas como uma das favoritas em qualquer eleição que concorresse, inclusive tinha tido uma votação expressiva em 1998, nas eleições para o senado, tendo 216.006 votos, ficando em 3º lugar, atrás de Ney Suassuna e Tarcísio Burity, o primeiro obteve 455.359 votos e o segundo 394.294 votos. Sendo assim ela seria uma ameaça a Cássio Cunha Lima caso concorresse a Prefeitura Municipal de Campina Grande, para ele era melhor que ela estivesse do seu lado e o apoiasse nas eleições, assim ele teria chances de ganhar com folga dos adversários e não a teria como adversária, mas como aliada.

era o partido do atual, na época, de Cássio Cunha Lima. E PT, claro e evidente que aí houve de fato esse plebiscito, primeiro para poder saber se os filiados aceitariam essa coligação e depois foi trabalhado o nome de Cozete Barbosa para ser a vice de Cássio, uma vez que ela tinha tido uma votação extremamente expressiva em 98, quando foi candidata ao senado, ficando em 3º lugar mais bem votado no Estado da Paraíba. (Roberta Xavier Montenegro Bezerra, entrevista concedida em 13 de outubro de 2019).

A grande pergunta que ficou na cabeça dos paraibanos e que perdurou por muitos anos é: Por que Cozete se aliou a Cássio, quando em toda sua jornada de sindicalista ela foi contra a “oligarquia” da família Cunha Lima, tendo já apanhado dos policiais por invadir o gabinete do prefeito e sendo uma “oligarquia” que já perdurava já há quase 20 anos na prefeitura municipal de Campina Grande? A resposta que se encontrou nesse estudo, é que de certa forma a decisão de se aliar a Cássio estava além da sua pessoa, partia de uma decisão do Partido dos Trabalhadores (PT), ao qual era filiada, para poder em 2002 eleger Lula (Luíz Inácio Lula da Silva) para presidente do país. Caso a coligação ocorresse e que de fato acabou sendo firmada, Cássio apoiaria a eleição de Lula e trabalharia para que ele se elegeisse. Assim sendo, o PMDB, nas eleições de 2002 estaria trabalhando pela eleição de Lula para presidente do Brasil, a coligação era para que isso se concretizasse.

Quando perguntado a Roberta se Cozete não se opôs a coligação PT-PMDB, ela respondeu:

Então, eu acredito que não, naquele momento, naquele exato momento, eu acho que foi muito bem pensado na questão da possibilidade dessa coligação, se de fato tivesse ocorrido como foi feito essa coligação, com o apoio de Cássio a Cozete como candidata a prefeita em 2004, e infelizmente, as coisas não caminharam desse jeito, foi percebido quando foi em 5 de abril de 2002, Cássio renunciou o mandato de prefeito de Campina Grande para ser candidato ao governo do estado e a partir daí é percebido que existia um trabalho contra o nome da própria Cozete em Campina Grande, porque ela não mexe com os auxiliares, os auxiliares completamente permanecem os mesmos do período de Cássio prefeito⁴⁵, quando ele assumiu em janeiro de 2001 até abril de 2002, e ela pensou, talvez de uma forma ingênua que tudo que eles tinham acordado nessa coligação seguiria, ou seja, tem candidato a governador pelo próprio partido de Cozete, pelo PT e ela não chega a apoiar o candidato a governador do partido, porque aí já havia um rompimento, porque política é uma dinâmica, o que é acertado hoje, não significa

⁴⁵ Cozete afirma que havia um acordo entre ela e Cássio, de que ela não mexeria no pessoal dele na prefeitura. Em suas palavras: “O que é importante frisar é que foi feito um acordo para que não se mudasse os cargos até ele se eleger... nenhum secretário de cargo foi mudado até a eleição, até o fim do ano de 2002. E, depois, a maioria dos cargos ficou, só foi mudado os cargos poucos meses antes das eleições quando houve o rompimento. A administração, a minha administração foi com os cargos de Cássio” (Entrevista concedida em 16 de outubro de 2019)

dizer que amanhã, o que foi acertado será cumprido. Então assim, Cozete cumpre, esperando esse retorno de Cássio e com o passar dos tempos, logo após a própria campanha, onde ele sai exitoso, ele vai para segundo turno, mas consegue se eleger, percebe-se que ele tem um olhar totalmente diferenciado para Campina Grande e no caso na administração de Cozete, que era para não dar evidência para Cozete enquanto prefeita, para a partir daí o nome dela não ser estabilizado, não sei se seria bem essa palavra, mas assim, não ter notoriedade, ser notório o nome dela como uma real disputa na eleição de 2004 para prefeita de Campina Grande, tanto é que os auxiliares começam a trabalhar contra, quando ela vem romper de fato com Cássio já é faltando 6 meses só para a eleição e se torna muito difícil ela... modificar tudo que tinha sido feito porque já existia um desgaste muito grande com o nome dela. Isso é comprovado exatamente na eleição, que ela fica em terceiro lugar, ou seja, uma pessoa que é prefeita de uma cidade e que trabalha bastante com o social, mas aí também tem coisas contra, porque tem, como eu já disse, os auxiliares, tem os empresários, porque aí, ela também começa a enfrentar a questão de não se legitimar como prefeita de Campina Grande com os empresários, simplesmente pelo fato de ser mulher. Então, ela começa também ter muitos problemas referente a isso, valendo ressaltar que ela foi até hoje a primeira mulher e a única até então prefeita de Campina Grande. (Entrevista concedida em 13 de outubro de 2019).

Percebe-se então que Cássio não cumpre o que foi acordado entre o PT-PMDB, já que em 2002, ele não apoia Lula para presidente do Brasil e em 2004, ele também não apoia Cozete para uma reeleição na prefeitura de Campina Grande⁴⁶. O partido no momento da coligação PT-PMDB estava fazendo alianças, não só na Paraíba, mas no Brasil como um todo, objetivando as eleições para presidencial que seriam feitas em 2002.

⁴⁶ Em 2002, Cássio Cunha Lima muda de partido, saindo do PMDB para o PSDB. Este último tinha candidatura própria para presidência do Brasil, que era José Serra, ele então apoia o candidato do seu partido. Cássio e Cozete continuaram com a coligação até 2004, quando faltando 6 (seis) meses para as eleições para prefeitura, rompem. Cássio então apoia Rômulo Gouveia.

CAPÍTULO 3 – COZETE BARBOSA ASSUME A PREFEITURA DE CAMPINA GRANDE

No dia 05 de abril de 2002, Cozete Barbosa assumiu a Prefeitura Municipal de Campina Grande – PB, sendo a primeira mulher na política paraibana a assumir esse cargo nesse município, criando assim muitas expectativas em torno da sua figura, não só por ser mulher, mas também por ter feito parte do movimento sindicalista e por integrar o time do PT (Partido dos trabalhadores), partido que tinha por ideal lutar pela classe trabalhadora, melhorando assim, a condição de vida dessa camada social. Partido também que naquele momento estava em ascensão no cenário político e que assustava muitos empresários, principalmente por causa da sua figura maior, Luiz Inácio Lula da Silva, que saía dos movimentos sindicais do ABC paulista e que tinha grandes chances de ser o próximo presidente do país – nas eleições que seriam realizadas naquele ano -, prometendo trazer muitas mudanças e melhorias para os trabalhadores, sendo quase que uma figura contra os empresários, industriais e comerciantes.

O partido do PT assustava a classe mais abastada da sociedade, não sendo diferente surgir assim uma mulher como prefeita ligada ao PT. Por mais que existisse uma coligação com Cássio Cunha Lima – Coligação Democrática Campinense – e que este fosse ligado a outro partido, PSDB (Partido Social Democrático Brasileiro). Mas a partir de agora, quem comandaria seria uma petista, assustando assim empresários, industriais e comerciantes desta cidade, que não sabiam bem o que esperar da nova gestão.

Havia naquele momento um trabalho muito grande contra o PT, não só em Campina Grande, mas no Brasil todo, a elite tinha medo do que poderia acontecer caso Lula se elegeisse para Presidente do país, já que ele era um metalúrgico do ABC paulista que lutava pelos direitos dos trabalhadores, além do partido ser considerado de esquerda⁴⁷, o que acabava causando mais medo ainda a população abastada.

Figura 14 – Cozete, mulher, Prefeita.

⁴⁷ Ser de esquerda, durante anos, foi um crime no Brasil. Durante a Ditadura Militar (1964-1985), pessoas que fossem consideradas de esquerda eram presas, muitas vezes torturadas e mortas pelos militares. Ao longo do século XX e com a ascensão da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), principalmente após a instauração da Guerra Fria, em 1945, ser de esquerda passou a ser um crime no Brasil, já que este estava alinhado com as ideias capitalistas dos Estados Unidos, que era oposição a URSS. Então, ser considerado de esquerda ainda era ser muito mal visto, principalmente, pela elite brasileira, que tinha medo da instauração de uma Ditadura do Proletariado ou do Socialismo no Brasil.



Figura 13 – Diário da Borborema, 06 de abril de 2002.

Na imagem em que podemos ver, Cozete Barbosa é tida como o “sexo frágil⁴⁸”. Fico a imaginar: por que assumir esse discurso de que as mulheres são o sexo frágil? Qual a intenção que esse jornalista tinha por trás ao proferir essa fala? Ser o sexo frágil é ser alguém que precisa ser protegida, como que essa pessoa não possa cuidar de si mesma, tornando-se assim uma pessoa “fraca”. Simone de Beauvoir diz: “A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina” (vol. 1, 2016, p. 21). Sendo assim, a partir do momento que a mulher assume uma posição de poder, de liderança, ela tem que ser desqualificada, ser posta na inferioridade, ser tida como alguém que não consegue lidar com o que tem. Cozete estava assumindo a prefeitura de Campina Grande e, antes mesmo, de lidar com o cargo, tinha que mostrar que tinha condições para assumir a Prefeitura. Não era frágil e nem fraca, mas uma mulher de pulso forte, determinada.

A solenidade de nomeação ocorreu no Teatro Municipal Severino Cabral, com a exceção dos vereadores João Ricardo Lima (PV) e Veneziano Vital do Rego Neto, todos os demais vereadores se encontravam na solenidade, como também o senador Ronaldo Cunha

⁴⁸ Simone de Beauvoir diz em seu livro, *O Segundo Sexo*, vol. 1: “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte”, escreveu, no século XVII, Poulain de la Barre, feminista pouco conhecido” (2016, p. 18).

Lima, pai de Cássio, que seria o futuro governador da Paraíba, estando assim o local lotado, inclusive com pessoas que não conseguiram entrar, ficando nas adjacências do teatro.

A expectativa sobre a gestão petista era enorme, principalmente para os setores industriais e trabalhadores e a própria Cozete fala isso no seu discurso: “é normal que a expectativa das classes empresariais, trabalhadoras e dos demais setores da sociedade, estejam voltados [em] como será esse governo da cidade”. (O NORTE, datado em 06/04/2002, escrito por Carlos Alberto).

Contudo, a solenidade não foi só tranquila e calma, 7 horas antes de Cozete assumir o cargo – houve uma ameaça de bomba realizada pelo telefone⁴⁹ -, na localidade onde ela assumiria a função de prefeita, como relata o jornal Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba em 06 de abril de 2002, este último falava até que vários prefeito ligados ao PT tinham sido assassinados: “Esta ameaça gerou preocupação, sobretudo porque, em muitos centros importantes do País, vários prefeitos do PT sofreram ameaças de morte e alguns foram assassinados, a exemplo do prefeito de Santo André, Celso Daniel” (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 06 de abril de 2002, escrito por Leonardo Silva).

Figura 15 – Suspeita de bomba.

⁴⁹ Os jornais divulgam que tinha havido a ameaça de bomba, mas não expressam quem recebeu o telefonema, trazem apenas a informação.



Figura 14 - Correio da Paraíba, datado em 06 de abril de 2002

3.1 – Críticas à imagem de Cozete Barbosa

No dia 09 de abril de 2002, já se vê as primeiras críticas à imagem e postura que Cozete Barbosa adota após ter sido nomeada prefeita, primeiro por seu corte de cabelo, *A La Garsonne*, assemelhando-se assim ao corte masculino, para o jornalista Marcos Marinho, esse corte significava: “Simplesmente para retirar-lhe a ‘cara de sindicalista’⁵⁰” (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 09 de abril de 2002). Então: O que levaria Cozete a querer renegar as suas origens de sindicalista? Será que a intenção dela realmente era essa? Ou o jornalista já supôs afirmando? Cozete diz:

Eu não queria cortar meu cabelo, quando eu vi o rapaz tinha cortado meu cabelo. Que a Izinete da louca mandou, quando eu vi já tinha cortado meu cabelo. Agora, depois eu deixei meu cabelo curto, porque era prático, eu não tinha tempo pra

⁵⁰ Qual é a cara de sindicalista? Como se pode caracterizar que uma pessoa é sindicalista? A crítica a Cozete estava sendo feita única e exclusivamente pelo seu corte de cabelo, não aceito pelo jornalista. Perrot dirá: “Com a tosquia, trata-se não somente de excluir a mulher da comunidade nacional, mas também de destruir a imagem da feminilidade. A erotização que precede a tosquia é seguida de um processo de dessexualização’ – escreve Fabrice Virgili. [...] Calcula-se o valor político do corpo da mulher, ponto de honra, objeto de poder. E em particular o valor de seus cabelos” (2007, p.61-62). Cozete Barbosa deixava de ser feminina, deixava de ter cara de mulher, por causa do seu corte de cabelo e era criticada por isso.

perder ajeitando cabelo, eu lavava cabelo toda hora e saia com cabelo pronto... eu não tinha tempo pra tá no cabeleireiro... eu lavava o cabelo, penteava, secava e saia e pronto, eu não chegava na solenidade. Eu não tinha que tá toda hora no cabeleireiro, não tinha. Simplesmente não tinha. (Entrevista concedida em 01 de setembro de 2019).

E completa:

Foi uma reação muito negativa quando eu cortei o cabelo [...] eu tive uma reação muito negativa quando eu cortei o cabelo. Eu tive uma rejeição enorme, como se eu tivesse mudado completamente, não era mais feminina, tinha mudado minha personalidade, tinha deixado de ser aquela lutadora, tudo. Porque eu cortei o cabelo. (Entrevista concedida em 01 de setembro de 2019).

E o mesmo jornalista continua a falar, agora sobre a segurança que Cozete põe ao seu redor: “Vi uma Cozete verdadeiramente enjaulada na Micarande, ato em que contrária sua história aberta de destemor, aquela de comunhão com a mais nobre bandeira petista, afirmativa de que não há medo em ser feliz.” (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 09 de abril de 2002). E ele continua:

O menos corpulento homem a serviço da estrela petista campinense lembrava o King Kong, mas não por quaisquer aparências com o símio cinematográfico. Os serviços de segurança da prefeita tinham cara de gente, corpo de gente e até prova em contrário eram de fato gente. Diferenciavam-se de nós mortais, nordestinos [subnutridos] e sem massa corpórea, exatamente pelo volume de ossos e carne em seus corpos, intimidando a todos pelo volume que acabaram ocupando nos corredores e portas dos camarotes oficiais do Município. (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 09 de abril de 2002).

Por que se encher de seguranças a sua volta? Qual a intenção desse jornalista de afirmar que Cozete tinha medo de Campina Grande? A visão que ele tinha dela era a verdadeira? Cozete por diversas vezes sofreu ameaças de morte, como na seguinte passagem da sua entrevista:

Eu tava vivendo um momento de muita dificuldade, com a questão do Serrotão, eu tava sendo escoltada pela polícia federal, os cabas tavam ligando pra cá, atiravam quando ligavam pra cá, havia claramente envolvimento de policiais, inclusive um tenente... é... quando eu vinha pra casa, dois motoqueiros emparelhados comigo, fechando as portas e eu me preparei pra morrer, tava comigo inclusive o meu motorista Ari, pode confirmar⁵¹ [...] (Entrevista concedida em 11 de novembro de 2019).

Cozete afirma no ato de posse dos seus secretários que: “manterá cuidados especiais quanto a sua segurança pessoal, negando praticar excessos em relação ao esquema montado

⁵¹ Essa sua fala é referente a um dos motivos de ter se coligado com Cássio Cunha Lima em 2000, contudo também temos notícia de ameaça de morte a Cozete enquanto ela foi presidenta da ASPMCG e quando assumiu a prefeitura de Campina Grande. Ou seja, Cozete durante sua trajetória pública sofreu diversas vezes ameaças. Talvez o que ela buscava era se proteger.

para a sua proteção. ‘Terei sempre seguranças na minha companhia. Isto é normal, levando-se em conta que todo governante necessita deste tipo de aparato’’. (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 09 de abril de 2002).

Seguindo as críticas feitas pelo jornalista Marcos Marinho quanto à segurança que foi contratada para proteger a prefeita, no dia 11 de abril de 2002 saiu uma reportagem de Antônio Marcos sobre as ameaças que Cozete Barbosa vem sofrendo desde que denunciou na Câmara Municipal as torturas que vinham sofrendo os presos dentro da Penitenciária do Serrotão. Em suas palavras:

As denúncias contidas no documento têm como base o pronunciamento feito pela então vereadora Cozete Barbosa, feito da tribuna da Câmara Municipal, denunciando que agentes penitenciários estavam promovendo todos os tipos de torturas a presos, principalmente àqueles mais humildes e que não podem, por questões financeiras, bancar um maior ‘conforto’ dentro da Penitenciária do Serrotão. (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 11 de abril de 2002, escrito por Antonio Marcos).

O mesmo jornalista continua dizendo que foi pedido por Cozete Barbosa segurança a polícia federal, mas que isso não estava a cargo dessa polícia que ficou para a polícia civil e que por desavenças entre o governo municipal e estadual não foi cedido a Cozete seguranças que lhe protegessem. Então por orientação do partido e por já ter tido duas mortes de prefeitos ligadas ao partido dos trabalhadores:

Essa orientação [a de contratar segurança particular], segundo a secretária de Governo e Coordenação Política, Francisca (Chica) Carvalho, é repassada a cerca de 53 prefeitos, vereadores, deputados estaduais e federais que estão sendo ameaçados de morte em todo o país. Com a morte de prefeito de Campinas (SP), Toninho do PT, e posteriormente, a do prefeito de Santo André (SP), Celso Daniel, a direção nacional do Partido dos Trabalhadores orientou os membros da Executiva a contratar segurança particular para se protegerem. (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 11 de abril de 2002, escrito por Antonio Marcos).

Ou seja, Cozete Barbosa tinha um motivo para se proteger e assim contratar tantas seguranças, além da ameaça de bomba na sua posse como prefeita, a mesma também vinha sofrendo ameaças constantes, não só contra sua pessoa, mas também contra sua família. Ela não contratou seguranças por puro capricho como quis colocar o jornalista Marcos Marinho e nem para se afastar da população campinense.

A única forma que encontrou para se proteger das ameaças que sofria era justamente a contratação de pessoal que pudesse lhe proteger. Dias depois da sua aparição pública com seguranças, o vereador Romero Rodrigues pediu na Câmara Municipal “segurança de vida para a prefeita, em virtude das ameaças de morte que a mesma vem recebendo”. (DIÁRIO DA

BORBOREMA, datado em 25 de abril de 2002). E ele afirma: “que há vários dias a prefeita campinense vem sendo ameaçada em sua integridade física, fato que tem preocupado sobremaneira os seus familiares e amigos. Em virtude disso, Cozete tem andado com seguranças, para lhe garantir momentos de paz e tranquilidade no desenvolvimento de suas atividades”. (DIÁRIO DA BORBOREMA, datado em 25 de abril de 2002).

Romero ainda lembrou das mortes de alguns integrantes do PT e “pediu a Casa que fizesse um apelo ao Ministério da Justiça, Polícia Federal e Polícia Militar e até mesmo ao governo do estado, no sentido de garantir a integridade física da prefeita campinense”. (DIÁRIO DA BORBOREMA, datado em 25 de abril de 2002).

No texto de Céli Regina Jardim Pinto, já citado acima, ela traz a citação de Butler sobre a representação da mulher pública:

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca emancipação. (BUTLER, 2003, p.19 apud PINTO, 2010, p.20).

Observa-se aqui a representação que se fez da mesma pessoa, a partir de dois jornalistas, um que apoiava ou, pelo menos, compreendia a postura que Cozete Barbosa adotou e outro que era categoricamente contra sua postura de se proteger contra as ameaças que a mesma vinha sofrendo desde da época em que fora vereadora.

3.2 – Relacionamento Prefeitura Municipal X Governo do Estado

Uma das primeiras preocupações da gestão de Cozete Barbosa foi tentar diálogo com o Governo do Estado, já que na gestão de Cássio Cunha Lima não houve a interação entre o município e o estado, justamente porque Cássio era oposição de José Maranhão, que na ocasião era o governador da Paraíba.

Contudo, nesse momento, tanto Cássio tinha se retirado da gestão da prefeitura municipal de Campinha Grande para tentar se eleger governador, quanto Maranhão também tinha se retirado para tentar o senado federal. Ficando o governo do Estado a cargo de Roberto Paulino e a Prefeitura, como já dito acima, a cargo de Cozete Barbosa.

No dia 11 de abril de 2002, Cozete Barbosa se reuniu com Roberto Paulino, no Escritório de Representação do Governo, em Campina Grande e colocou em pauta as suas reivindicações como a construção do viaduto entre a Av. Floriano Peixoto e a Av. Canal,

verba para o Maior São João do Mundo e o ICMS, que tinha tido o repasse diminuído para Campina Grande na gestão de José Maranhão. O novo governador garantiu a construção do viaduto, dizendo: “ele será projetado, construído e inaugurado no meu governo.” (DIÁRIO DA BORBOREMA, datado em 12 de abril de 2002). Prometeu também estudar a revisão dos critérios de distribuição do ICMS e verba de R\$ 200 mil para o São João de Campina Grande.

Figura 16 – Roberto Paulino e Cozete Barbosa.



Figura 15 – Reunião entre Roberto Paulino (Governador da Paraíba) e Cozete Barbosa, no Escritório de Representação do Governo para discutir reivindicações da prefeita.

Decorridos 15 dias da primeira reunião com Roberto Paulino, Cozete pediu nova audiência com o governador, para que ele liberasse o dinheiro prometido para o São João de Campina Grande e para que iniciasse a construção do viaduto, como diz o Correio da Paraíba, datado em 23 de abril de 2002.

Alguns jornalistas da época veem isso como uma postura diferente dos antecessores dos dois, como Helder Moura que diz: “Cozete tem procurado mostrar que o PT prima pela transparência nos negócios administrativos. E, de fato, em seus primeiros passos, além de revelar a intenção de se consolidar como executiva, Cozete parece perseguir a transparência”. (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 23 de abril de 2002, escrito por Helder Moura). E o mesmo jornalista continua falando sobre Paulino: “[...] busca, claramente, consolidar imagem diferente do antecessor Maranhão no capítulo das rixas políticas. Em direção oposta, tem se apresentado como um conciliador, que evita o embate direto com os adversários políticos.”. (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 23 de abril de 2002, escrito por Helder Moura).

Devemos lembrar que os dois gestores, tanto municipal quanto estadual buscavam consolidar seus governos para uma eventual candidatura no futuro, Roberto Paulino tinha naquele ano a possibilidade de se candidatar para governador ou voltar nas eleições de 2006 como candidato e Cozete Barbosa concorreria a Prefeitura Municipal em 2004, ficando nessa eleição em 3º lugar, sendo ela que determinariam o novo prefeito nessas eleições, pois foi com o seu apoio que Veneziano Vital do Rêgo ganhou as eleições de 2004 para a prefeitura.

3.3 - Primeiros dias da gestão de Cozete Barbosa

Uma das primeiras notícias que salta dos jornais da época e que chama atenção é o corte na folha de pagamento do pessoal, quando Cozete busca diminuir gratificações de alguns servidores lotados em outros órgãos, feito já nos primeiros dias de gestão de Cozete Barbosa.

“Uma portaria da Secretaria de Administração vai extinguir, a partir de 1º de maio, as Gratificações de Natureza de Trabalho e de Gabinete dos servidores do município que estão disponibilizados para outros órgãos. [...] a medida implicará na perda de gratificação para cerca de 40 servidores. [...] o município terá uma economia mensal de, no mínimo, R\$ 12 mil”. (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 20 de abril de 2002, escrito por Timóteo de Sousa).

Cozete Barbosa alinhou assim seus ideais a sua gestão de prefeita, já que na época em que era vereadora criticou o “tamanho da folha de pessoal da prefeitura, que considerava acima do mínimo aceitável”. (CORREIO DA PARAÍBA, datado em 25 de abril de 2002, escrito por Helder Moura). Ela buscou fazer o que tanto criticava no tempo em que era apenas uma funcionária da prefeitura ou vereadora de Campina Grande, enxugou a folha de pagamento da prefeitura, diminuiu as gratificações dos funcionários. O jornal não fala quais foram os profissionais atingidos com esse enxugamento, mas acredita-se que tenham sido os que melhor ganhavam.

3.4 – Convergências e divergências do seu mandato com o sindicalismo

Durante toda sua luta como sindicalista, uma das suas reivindicações mais “ferrenha” era que o município pagasse pelo menos o salário mínimo, que estava estabelecido na constituição de 1988 e que foi um dos principais motivos de briga entre a ASPMCG e, posteriormente, o SINTAB contra o Município de Campina Grande, com várias paralisações e greves, como já vimos. Quando Cozete assume a PMCG, com menos de um mês de gestão,

podemos ver que ela busca cumprir mais do que o salário mínimo, como na seguinte reportagem:

Figura 17 – Servidores terão abono.



Figura 16 - Jornal da Paraíba, datado em 01 de maio de 2002.

Na imagem se ler: *Campina Grande – A Câmara Municipal aprovou, ontem, em regime de urgência urgentíssima, Projeto de Lei do Executivo Municipal, fixando o novo salário mínimo para os servidores públicos em R\$ 200,00, mais um abono suplementar no valor de R\$ 10,00.*

Desse modo, por força da lei municipal que instituiu o abono suplementar móvel, nenhum servidor receberá a partir de 1º de abril remuneração inferior a R\$ 210,00. O salário mínimo nacional foi estabelecido em R\$ 200,00.

Na Mensagem que encaminhou ao Legislativo Mirim, a prefeita Cozete Barbosa (PT), adiantou que além de atender a Constituição Federal, no que tange ao salário Mínimo, distingue-se dos governos federal e estadual, pois, a Prefeitura também vem concedendo reajuste linear aos servidores. Além disso, Cozete Barbosa frisa na mensagem que, na política de valorização do servidor, o Poder Executivo, já efetivou o Plano de Cargos, Carreira e vencimentos e do Magistério.

Vê-se assim que ela buscou cumprir na prática pelo que tanto lutava no seu tempo de sindicalista. Entretanto, nem tudo eram “flores”, já nos primeiros dias do seu mandato como prefeita, Cozete “enfrenta” os ambulantes do camelódromo do shopping centro Edson Diniz, que questionam o valor quem tem que pagar pelo espaço a eles cedido, inclusive com manifestações realizadas na rua, segundo o que saiu no Jornal da Paraíba, os ambulantes que ficavam “no subsolo e no térreo, os camelôs instalados estão muito bem obrigado, mas quem ficou nos andares de cima não está arrumando nem pra pagar as taxas do aluguel e condomínio cobrados pelo ipsem, que administra o estabelecimento.” (JORNAL DA PARAÍBA, datado em 02 de maio de 2002).

Cozete teve que lidar com o camelódromo, a feira central, que segundo a época estava em decadência, com os camelôs que ficavam em frente a catedral, mais conhecido com Arccas, que queriam reformas para a passagem dos fregueses e também com a “avalanche” de vendedores ambulantes que invadiram o Terminal Rodoviário Cristiano Lauritzen, vulgo Rodoviária Velha.

Também por esse período sai a notícia que Cozete isentou os aposentados e pensionistas de Campina Grande de contribuírem para a previdência, atendendo a um pedido do SINTAB, antigo sindicato que fez parte durante a sua militância sindicalista.

Figura 18 – Prefeita isenta os aposentados de desconto do Ipsem.

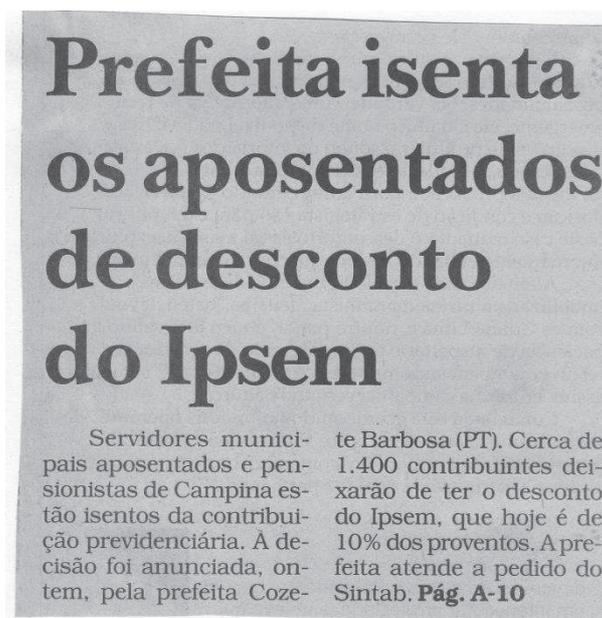


Figura 17 - Correio da Paraíba, datado em 03 de maio de 2002.

3.5 – O fim do seu mandato

Cozete Barbosa encerrou seu mandato como prefeita em 1 de janeiro de 2005, ela tentou se reeleger em 2004, mas não obteve êxito, ficando em 3º lugar no primeiro turno, indo para o segundo turno: Rômulo Gouveia e Veneziano Vital do Rêgo. Abaixo segue a tabela de votação das eleições disputadas em 2004⁵²:

Figura 19 – Quadro de votação das eleições de 2004.

Candidato(a)	Vice	1º Turno 6 de outubro de 2004	
		Votação	
Porcentagem	Total	Porcentagem	Total
<u>Rômulo Gouveia</u> (PSDB)	<u>Daniella Ribeiro</u> (PP)	45,73%	89.730
<u>Veneziano Vital</u> (PMDB)	<u>José Luiz Júnior</u> (PMDB)	42,26%	82.917
<u>Cozete Barbosa</u> (PT)	Dalton Gadelha (PHS)	9,58%	18.798
<u>Lídia Moura</u> (PSB)	Zé Antônio (PSB)	1,72%	3.380
<u>José Araújo</u> (PMN)	Carlos Vieira (PSL)	0,71%	1.387
Votos em branco		?	3.002
Votos nulos		?	9.541
Total			208.755
Abstenções		13,79%	33.390
Votos apurados		100,00 %	208.755
Total de eleitores			242.145

⁵² A tabela em questão foi encontrada no site Wikipédia:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o_municipal_de_Campina_Grande_em_2004>

Após a sua saída da prefeitura Municipal de Campina Grande, Cozete só tentaria nova eleição em 2012 para vereadora, mas acabou desistindo, alegando que tinha que cuidar da sua mãe, que se encontrava doente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui foi abordado um pouco do percurso de vida e uma visão da trajetória política de uma personagem que foi muito importante para Campina Grande. Uma das primeiras e poucas mulheres a ascender à vida pública numa cidade do interior – em Campina Grande foi a primeira a assumir um cargo executivo, de Prefeita da cidade e até hoje a única mulher no cargo -, ainda considerada muito machista. Cozete ascendeu politicamente sem ter ninguém da família que participasse da política, foi forte, guerreira e lutou pelo o que achava justo. Também foi ingênua, acreditou numa política “boazinha”, aonde não existem adversários, mas amigos, companheiros, quando decidiu se coligar com Cássio Cunha Lima e seguir o que tinha sido acordado na coligação. Hoje, ela percebe que foi ingênua, que não estava preparada para assumir o cargo - ou melhor, que não estava preparada para fazer a coligação -, que não teve o apoio necessário do partido e que as pessoas que acreditavam na sua capacidade também não estavam preparadas para lhe ajudar. Sofreu as duras críticas da sociedade, foi tida como o sexo frágil, como menos capaz, mas não deixou de lutar.

Não posso terminar de comentar que cresci ouvindo histórias a seu respeito, pessoas que conviveram com ela, que acompanharam a sua trajetória, que estiveram do seu lado, sempre me contaram a grande mulher que ela era, enfrentava de peito aberto o que viesse a sua frente, que era batalhadora, lutadora. O historiador é fruto do seu tempo, fruto do seu lugar social e eu não fujo a regra, como disse Droysen:

Eu não aspiro a atingir senão, nem mais nem menos, a verdade relativa ao meu ponto de vista, tal como minha pátria, minhas convicções políticas e religiosas, meu estudo sistemático me permitem ter acesso [...] é preciso ter a coragem de reconhecer esta limitação, e se consolar com o fato de que o limitado e o particular são mais ricos que o comum e o geral. Com isso, a questão da objetividade, de atitude não tendenciosa do tão louvado ponto de vista de fora e acima das coisas, é para mim relativizada (DROYSEN. *Historik*, 1881 *apud* BARROS, 2017, p.27).

Barros também diz: “[...] tem-se razoavelmente bem desenvolvida uma significativa consciência de que o que se pode perceber da realidade acha-se francamente interferido pelo ponto de vista do sujeito que produz o conhecimento” (BARROS, 2017, p.26). Sendo assim, o meu ponto de vista é relativo, é um único ponto de vista, outros historiadores virão e talvez, quase como certeza, contarão essa história de outra maneira, com outra visão, com as mesmas ou com fontes diferentes, terão acesso a outras fontes, analisarão outros documentos.

O meu ponto de vista acaba sendo apaixonado pela formação a qual eu tive, pelas histórias as quais escutei. Não fujo a regra do lugar social ao qual participo. Tentar não se apaixonar pelo objeto de estudo é muito difícil, principalmente, quando é uma história que faz parte da sua história, do seu contexto, da sua cidade. Assim, construo aqui um ponto de vista, a partir de recortes de jornais e de entrevistas feitas com Cozete Barbosa e com pessoas que participaram da sua trajetória política, que a acompanharam na caminhada, pessoas também apaixonadas pelo que viveram ao lado de Cozete.

Espero ter podido dar início a essa parte da história de Campina Grande, ao contexto histórico pelo qual a cidade passou e que acabou ficando de lado. Foram tramas políticas que pertenciam a Campina, mas também ao geral, que englobavam o contexto geral do Brasil, interferindo também nesta cidade do interior.

REFERÊNCIAS:

FONTES:

A UNIÃO;
 Correio da Paraíba;
 Diário da Borborema;
 Jornal da Paraíba;
 O Momento;
 O Norte;
 A Folha;
 Correio.

BIBLIOGRAFIA:

BARROS, José D' Assunção. **A expansão da história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARROS, José D' Assunção. **Teoria e formação do historiador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: experiência vivida, volume 2**. Tradução Sérgio Milliet. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

KARAWEJCZYK, Mônica. **Cristine de Pisan, uma feminista no medievo?!**. *Históriae*, Rio Grande, 8 (1):189-203, 2017. Disponível em:
 <<https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://periodicos.furg.br/hist/article/viewFile/6214/5087>>

NUNES, Paulo Giovanni Antonino. **O Partido dos Trabalhadores e a política na Paraíba: construção e trajetória do partido no estado (1980/2000)**. João Pessoa: Sal e Terra, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Ver. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003>

PINTO, Céli Regina Jardim. **Elas não ficaram em casa**: as primeiras mulheres deputadas na década de 1950 no Brasil. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 33, n. 62, p. 459-490, mai/ago 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752017000200459&script=sci_abstract&tlng=pt>

RABAY, Glória; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de Carvalho. **Mulher e política na Paraíba**: história de vida e luta. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine**: memórias de mulheres. Belo Horizonte: Editora UFMG/Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

Sites utilizados:

Cidadania da mulher: a conquista histórica do voto feminino no Brasil. Disponível em: < <https://www.migalhas.com.br/quentes/17,MI274136,51045-CIDADANIA+DA+MULHER+A+CONQUISTA+HISTORICATO+DO+VOTO+FEMININO+NO+BRASIL>>

CURRÍCULO LATTES. **Edgardi Malagodi**. Disponível em: < http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4780213D9&tokenCaptchar=03AOLTBLQyjYUnOk7J4S2ATRQcWh6bFb44Mvam_k116SU424EemZGwBpFFmXe1NDySobqCUARbggy_iNDbXmM4zNNB3TOMBkgRQbjJsIBvWCIIV_I7k9GEy4Z2RSUwKf0y_8dTITZDJTPGH9JcX-MgANcVM8uBTvlgovN2q5oBfMupZMvCheYdSYb7_JnxFpdkiSBLnhwd4jWnOpCloii6ozGwQsnVYsVO4tf3hT5ucACnQd3uSgLSUhRkrDHthXa6pc1WVQ0qJLdw-hPPy5hkw4UFiNw6B9FuwhYxyLUfH9gebo6cXskbVN_CitYK_W77TuD-Tyx7rnRjjXU4agyX-QTjT55xbO6MGfj01BBvLuEkiNERqFfuHo1BdXHkTQRzrw2Ob-U_IJRNIE9CyEClh3-2CCbEQyJ5PiYoYX-GPgnwwy65CrJkj8LkOj4Cx7q9N1hnYXr0oXDdy2PF4vMr1twjWzOrl7b3KRYCiv4CPz_el0CaoUO7OzLiG029sWFIA6C4uar_f8Md1W1IM0VkoWKAzAgsFE_fWN_3RY14TyB5C7dgMhNUKb5BokICU0Qz31tT5acgJX>

DEBIT. Efetue cálculos de correção monetária. Disponível em: < https://www.debit.com.br/consulta30.php?indice=salario_minimo>

NERYS, Ingrid. 1968 e o movimento feminista. Disponível em: < <https://faesadigital.com/2018/05/24/1968-e-o-movimento-feminista/>>

PRESSE, France. **Há 100 anos as britânicas conquistaram o direito ao voto**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ha-100-anos-as-britanicas-conquistaram-o-direito-ao-voto.ghtml>>

REVISTA FORÚM. Conheça a história de Margarida Alves, que inspira a Marcha das Margaridas. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/conheca-a-historia-de-margarida-alves-que-inspira-a-marcha-das-margaridas/>>

TOSI, Marcela. **A conquista do direito ao voto feminino:** há pouco mais de 80 anos, mulheres ainda não tinha direito ao voto no Brasil. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino/>>

TSE. Como funciona o sistema proporcional?. Disponível em: < <http://www.tse.jus.br/o-tse/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-5-ano-3/como-funciona-o-sistema-proporcional>>

WIKIPÉDIA. Eleições estaduais na Paraíba em 1998. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es_estaduais_na_Para%C3%ADba_em_1998>

ANEXOS

ANEXO 1

Greve dos garis e professores, 1991.



Figura 18 - Fotos encontradas no acervo do SINTAB.

Greve dos garis e professores, 1991.



Figura 19 - Foto encontrada no acervo do SINTAB. Datada em 20 de fevereiro de 1991.